



ANN SHERIDAN

1200
NA CAPITAL
E NOS
ESTADOS

N.º 899 — 15.º do
18.º Anno
14 de Junho de
1938

ASCENA MUDA



FRANCES DEE havia prometido a si mesma não trabalhar mais com Joel Mc Crea, o seu marido na vida real. O Cinema, entretanto, tem as suas severas exigências, e Frank Lloyd soube empregar argumentos convincentes, que resultaram na harmonia inigualável existente na interpretação dos dois esposos em "Wells Fargo", que com o título de "Uma Nação em Marcha", é o "Cine-Romance" deste numero. Esta pagina focaliza um instante sugestivo daquele filme, em que aparecem os dois esposos na vida real...



SUMMARIO

Frances Dee e Joel McCrea.....	2
Flash Gordon no planeta Marte.....	4
Chronica, por Luiz Moreno.....	5
VENENO, filme francez, interpretação de Charles Boyer e Michele Morgan..	6
Tardes da Cinelandia.....	8
Hollywood olhando para o espelho....	10
Bette Davis.....	13
Os que vivem no Ecran — Shirley.....	14
UMA NAÇÃO EM MARCHA, cine-ROMANCE com Frances Dee e Joel McCrea..	15
Cesar Romero.....	22
UM SIMPLES ASSASSINATO, filme da Warner com Edward G. Robinson e Jane Bryan.....	24
Ilona Massey.....	26
ELLA MERECE MUSICA, filme interpretado por Jack Hylton, June Clyde e outros	28
TRES GAROTAS SABIDAS, filme da 20th Century Fox, com Alice Faye, Joan Davis e Marjorie Weaver.....	30
Quem são elles?.....	35

O PROXIMO CINE ROMANCE DE

“A SCENA MUDA”

será

“ONDE O OURO SE ESCONDE”

Commovente historia de uma lucta pela existencia

com

George Brent - Olivie de Havilland - Margaret Lindsey - Claude Rains.

A SEGUIR:

“AS AVENTURAS DE MARCO POLO”

O primeiro caixeiro viajante que o mundo conheceu

com

Gary Cooper e Sigrid Gurie

SCENA MUDA

A mais antiga, completa e luxuosa revista cinematographica do Brasil.

PROPRIEDADE DA

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

S. A.

GRATULIANO BRITO
DIRECTOR



Assignaturas (52 numeros)

BRASIL — PORTE SIMPLES:

Assignatura annual..... 50\$000

Semestre..... 26\$000

REGISTRADA:

Assignatura annual..... 67\$000

Semestre..... 34\$000

ESTRANGEIRO — REGISTRADA:

Assignatura annual..... 135\$000

Semestre..... 70\$000

R. Visconde de Maranguape, 15
RIO DE JANEIRO

BRASIL

TELEPHONES:

Direcção..... 22-2622
Redacção..... 22-4447
Administração e publicidade 22-2550

Endereço telegraphico: “REVISTA”

SUCCURSAL EM SÃO PAULO

Rua Conselheiro Carrão, 98
Telephone: 7-6805

Endereço telegraphico: “REVISTA”

REPRESENTANTES:

RIO GRANDE DO SUL

Admar Lobato (Empreza Publix)

Rua Uruguay, 317 - 3.º andar.

PORTO ALEGRE

BAHIA

Joaquim M. Cunha
Praça Castro Alves, 79
SÃO SALVADOR



Este numero consta de 36 paginas.

TERCEIRO CONCURSO “UMA SEMANA”

Na pagina 35 desta edição, encontrarão os nossos amigos e leitores mais uma distracção de grande interesse para os fans, que é o Terceiro Concurso Uma Semana, realizado pela “SCENA MUDA”. Desta vez, o Concurso tem a originalidade de não apresentar caracterizações e sim, poses especiaes dos proprios astros, pelas costas. Quem não conhece uma pessôa amiga, vista daquela maneira? Vendo, durante annos, os idolos predilectos, não é difficil dizer, immediatamente, os nomes daquelles que apparecem no

TERCEIRO CONCURSO UMA SEMANA,

que terá como premio *Uma Assignatura de um anno* da “SCENA MUDA”, para o vencedor, que será escolhido por sorteio. E’ importante mencionar que *somente* serão acceitas as soluções acompanhadas do *vale para a resposta*. No concurso anterior, muitas respostas foram eliminadas por não preencherem esta formalidade.

A correspondencia do Concurso deverá ser dirigida a:

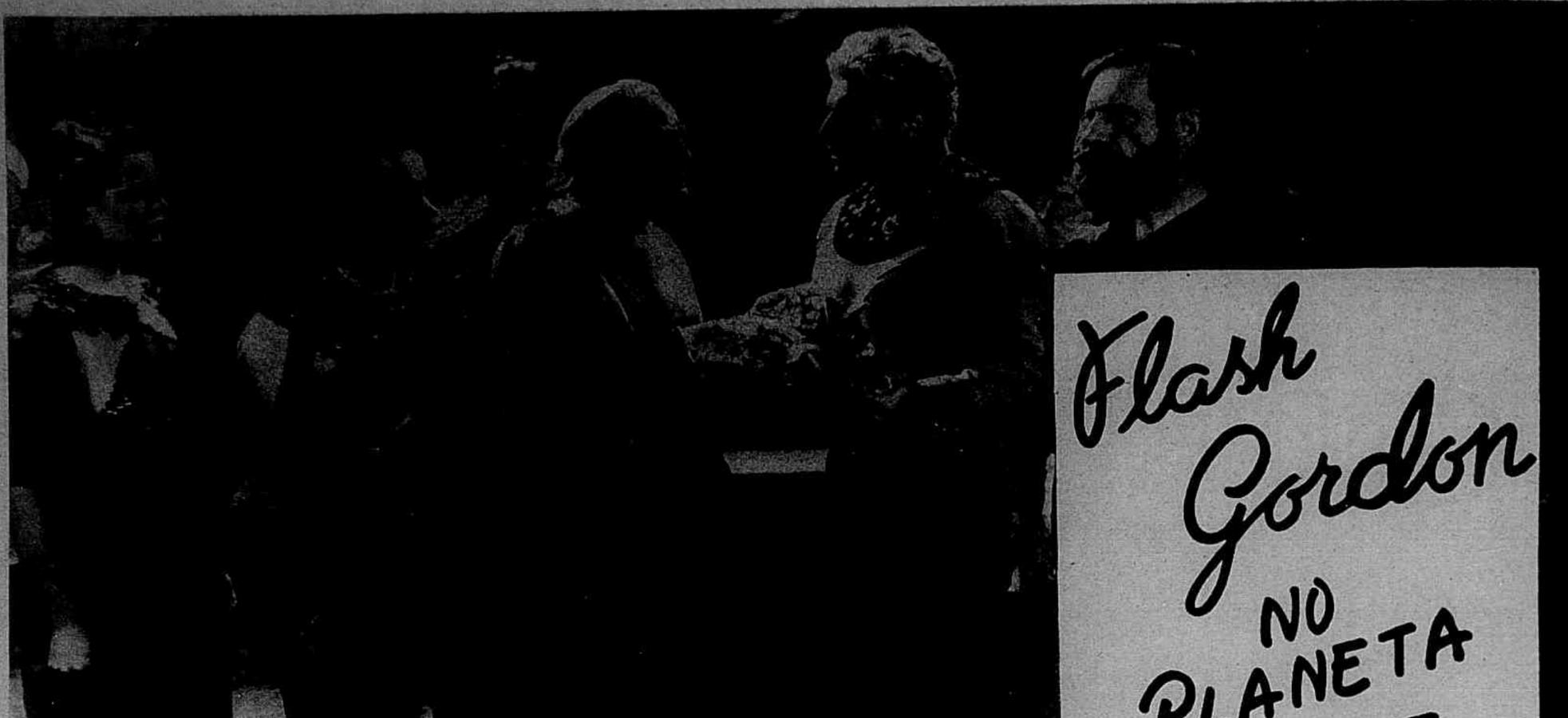
Snr. Redactor de “SCENA MUDA”
(Concurso Uma Semana)

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

A solução certa será publicada em nossa edição de 27 do corrente e as respostas serão recebidas até o dia 24 deste mez.

Sport Illustrado

dedica seu numero de amanhã ao Circuito da Gavea e ao Brasil no Campeonato do Mundo.



Flash Gordon NO PLANETA MARTE

CAPITULO TREZE O MILAGRE DA MAGICA

Ainda tonto pela explosão, Flash Gordon vê Azura seriamente atingida, e que faz gestos de querer dizer alguma coisa. Na realidade, a bella feiticeira desejava apenas pedir perdão pela sua maldade, e dá a Flash a sua Saphira. Immediatamente, Flash Gordon vai procurar os homens de barro, aos quaes dá novamente a forma humana, usando a magia da pedra misteriosa de Azura.

Sabendo, em seguida, que Ming pretendia armar os Homens da Floresta, para fazel-os combater os antigos Homens de Barro, Flash toma um vehiculo marciano, com o fim de investigar cuidadosamente sobre a veracidade da informação, e, durante a sua expedição, encontra varios aereoplanos de bombardeio marcianos, carregados com bombas e demais aparelhos de guerra. Munindo-se de um para-quedas, Flash consegue descer nos pro-

porem Flash interrompe a cerimonia, expondo aos nobres reunidos todo o negror das infames actividades do homem que ia ser Imperador. Desesperado, Ming atira-se a Flash Gordon, domina-o com o auxilio de suas artes magicas, e, usando o corpo do seu prisioneiro como escudo, desaparece por uma porta secreta, de onde, logo depois, annuncia victorioso: Flash Gordon morreu...

Terá realmente Flash Gordon encontrado a morte?

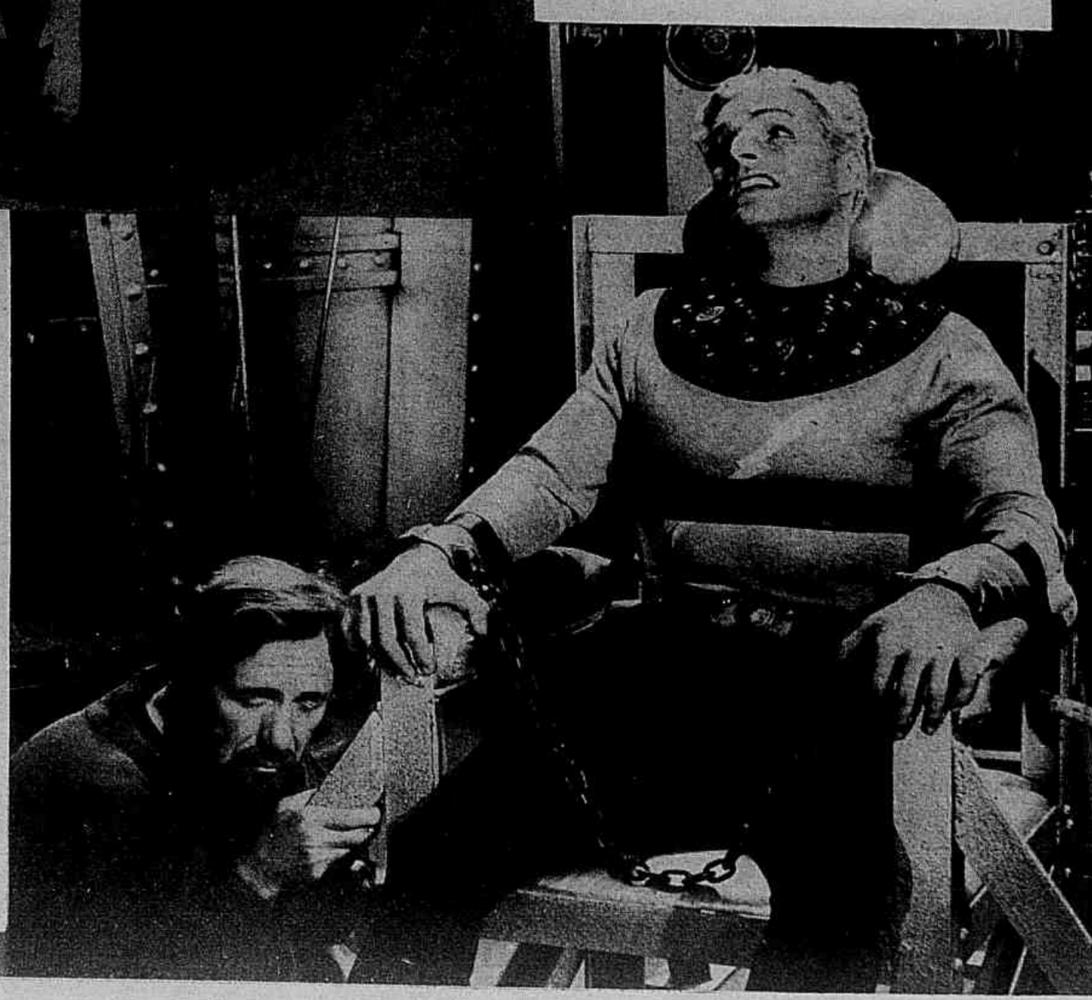
A continuação, na proxima "SCENA MUDA".

prios aviões inimigos, derruba os artilheiros, e penetra na cabine, onde empenha-se em feroz lucta com o piloto. Descontrolado, o aparelho vai chocar-se contra um rochedo...

CAPITULO QUATORZE

Depois de vencer o piloto, Flash reanima-se e consegue manter o controle do aparelho. O valente viajante da terra força, em seguida, o piloto e o artilheiro a se renderem, e leva-os, para a terra do Homens de Barro, onde o piloto encontra um seu irmão, perdido ha muito tempo.

Flash Gordon e o piloto, então, planejam ir ao Palacio de Ming, indo Flash como pretenseo prisioneiro do piloto. No Palacio, Ming, sabendo-se livre dos feitiços de Azura, prepara-se para ser coroado Imperador de Marte;





Em uma semana

CHRONICA

CEM ANOS DEPOIS]...

1938...1928...1918...1908...

De dez em dez annos, a grande massa dos que vivem do Cinema, para o Cinema e pelo Cinema, olha para traz, sentindo a necessidade de renovar as sensações mesmo no ambiente de ridiculo que sabem encontrar. Quem é capaz de recordar-se, com segurança, do que o Cinema fazia naquelles tempos heroicos, em que a sinceridade procurava supplantar o artificio?...

Não seriam hoje talvez um ultrage, aquellas faces horrendamente maquilladas, aquellas saias compridas, aquellas calças apertadas, aquelles chapéus de côco dos galans masculinos, aquelles mesmos chapéus que ainda alcançaram a epoca do Valentino sensacional?

O que serão então os maravilhosos filmes de hoje, quando daqui a dez, vinte, trinta, cincoenta annos, nós mesmos, os nossos filhos, os nossos netos, os contemplarem por acaso, quando estiverem, como os fans de hoje, entediados pelo Progresso e desejarem reviver as emoções passadas? Como considerarão o Robert Taylor de hoje, bello e jovial, ou o Clark Gable masculino e sympathico? A Greta Garbo misteriosa e esgaldada, ou Eleanor Powell saltitante e nervosa? Sobre o assumpto, uma grande revista americana dedicada exclusivamente a cousas do Cinema, iniciou uma interessante *enquête* entre os proprios membros da colonia cinematographica, sobre as opiniões particulares a respeito do que pensam ser os astros e estrellas daqui ha cem annos.

Samuel Goldwyn é partidario da *donna repleta*, a mulher forte, possante, solida, voltando, em summa, aos tempos da Pina Menichelli, Bertini e outros gigantes d'antanho. Razão: o Cinema, então, será em relevo, em côres, e necessitará de fórmulas realmente apresentaveis. Clark Gable parece tambem commungar da opinião de Mr. Goldwyn, pois a sua estrella será como Mae West...

Paul Muni, antigo actor de theatro, opina que não haverá mais Cinema. O espectador, em casa, assistindo ao theatro, *televisonado*. Vingança de actor...

Gary Cooper diz simplesmente que a vedette de 2038 andaránua, ou, pelo menos, terá bellas pernas. Influencia ainda de *Marrocos*, com Marlene? As opiniões dividem-se, vestindo e despindo estrellas, fazendo-as de longos bigodes, como pensa Mae West, collocando-lhes cabellos phosphorescentes, como julga Mary Pickford, pondo-as a andar sobre as mãos, como Harpo Marx, e uma infinidade de disparates que não são mais do que ligeira desfoira dos que, com amargura, veem fugir os verdadeiros tempos aureos, que foram os da mocidade; e isto porque a *enquête* não focalizou nenhum dos *new faces* de 1938. Como será, enfim, o Cinema, em 2038? Será possivel andar mais alguns passos? Como era o Cinema em 1908? Teria sido possivel — pensavam naquella epoca — andar mais algum passo?

LUIZ MORENO

A "SERIE D'AS CENAS MUDAS" SEMANA

ASCENA MUDA

APRESENTA:

A AMEAÇA DA SELVA

DECIMO SEGUNDO EPISODIO

Libertadas de suas jaulas, as feras que constituam o carregamento posto a bordo do *Rangoon* pelo caçador Hardy, estabelecem tremendo panico, invadindo os passadiços e alarmando os passageiros. O proprio Hardy tem oportunidade de salvar um marinheiro mais incauto das garras de um feroz tigre, quando então percebe que os bandidos e os marinheiros luctavam já pela posse dos unicos botes disponiveis. Depois de intensa lucta, conseguem finalmente alguns passageiros, entre os quaes Dorothy, Williams, Blackie, e mais um marinheiro, attingir uma ilha deserta, que, segundo sabe-se depois, era habitada por malaios degenerados.



Dorothy julgava serem aquelles os unicos sobreviventes do naufragio, porem Hardy e Relampago, um cosinheiro de bordo, haviam tambem conseguido attingir a ilha por outro lado, chegando ás habitações dos indigenas justamente quando um malaio era atacado por um tigre. Toda a tribo foge, porem Hardy consegue salvar o infeliz indigena, usando os poderes magneticos com que dominava sempre as feras. Ouvindo, logo em seguida, gritos de um bosque proximo, vae investigar, e, com grande surpresa, encontra Dorothy, que estava sendo atacada por Blackie e um marinheiro. Os dois homens brigam ferozmente e, durante a lucta, encontram a morte nos rochedos.

Satisfeita com o encontro verificado com o seu protector, Dorothy sente-se mais segura e permite que Hardy se afaste um pouco, para inspecionar a ilha. Antes não o houvesse feito, porque alguns indigenas cercam a moça e levam-na para local desconhecido, escondido pela densa folhagem da ilha. Vejam o proximo episodio.

ASCENA MUDA

Rio de Janeiro, 14 de Junho de 1938 • N° 899 • 22° do 18° anno



(LE VENIN)

Produção

ANDRÉ DAVEN

De uma peça de

HENRY BERNSTEIN

Interpretação de

CHARLES BOYER e

MICHELE MORGAN

Direcção de

MARC ALLEGRET

Gabriel Pecaud tem trinta annos — trinta annos passados em uma existencia tranquilla, na pequena mas movimentada cidade de Pau. E' o modelo dos homens trabalhadores, dividindo as preocupações das suas tarefas entre o serviço e uma jovem esposa, terna e comprehensiva creatura, que tudo fazia para vel-o feliz. Gabriel não tinha ambições e, para elle, a felicidade era conseguida por bem pequeno preço.

O cunhado de Gabriel, Gilbert, entretanto, parece ter sentido o effeito da felicidade reinante no lar da irmã; e, indo a Paris, fica noivo de uma bella e insinuante creatura, — Françoise, uma jovem estudante parisiense. Todavia, apesar da sua pouca idade—dezoito annos — François leva em Montparnasse uma vida completa e extremamente livre. O jovem Gilbert soffre enormemente ao ter conhecimento das aventuras que eram o principal motivo da vida da noiva. Enche-se de ciúmes, sentindo todo o peso da sua infelicidade.

Gilbert confia as suas maguas a Gabriel, pedindo o seu auxilio em tão doloroso transe. Penalizado, Gabriel promette-lhe que trataria do assumpto em uma de suas proximas viagens a Paris. E, na realidade, Gabriel parte para Paris, disposto a auxiliar efficientemente o irmão da esposa...



CHARLES BOYER

Os acontecimentos tomam, entretanto, uma característica bem diversa. A Françoise, bella, insinuante, jovem, não é difficil tecer uma rede de seducção em torno á personalidade bisonha do provinciano. Gabriel, em pouco, está inteiramente seduzido pela linda parisiense, que possui uma qualidade excepcional que muito o attraheu: — a franqueza, que attinge ás raias da perversidade.

A tarefa de Gabriel estava terminada, porem elle sente que alguma cousa o retém em Paris. Françoise já tem o noivo esquecido, inteiramente entregue ao trabalho de conquistar o rude Gabriel, que viera tão sinceramente arrastal-a para o caminho do bom senso. Juntos, passam alguns dias no campo, dias que são uma recordação dolorosa para o cunhado de Gilbert, quando regressa á provincia.

Novamente, porem, elle acha pretextos de viajar a Paris.

VENENO!



MICHELE MORGAN.

E' com enorme surpresa que vem a saber Françoise tem um amante; e, desapontado com a cruel descoberta, volta inesperadamente para Pau, onde passa a evitar por todos os meios o cunhado, já um pouco esquecido da noiva infiel.



Aquelle amor violento, forçosamente, deveria influir no animo do antigo Gabriel, trabalhador infatigavel, amante da familia e elemento respeitado mac idade. Não é o mesmo. Negligencia com os seus negocios, não parecendo mais o outro homem activo e entusiasmado. E' a propria esposa quem percebe a transformação e o aconselha docemente a voltar para Paris, sentindo que alguma cousa haveria que transformara completamente o esposo amado... Gabriel aceita o conselho; e parte novamente para a Cidade Luz, onde vae encontrar a sua Françoise, como sempre, entregue á sua vida desregrada, no meio de companheiros de baixa condição social. Tudo Gabriel aceita, obsecado pelo amor impetuoso que sente pela diabolica creatura. E elle arrebatava Françoise dos seus companheiros, novamente estabelecendo-se uma ligação entre os dois. Gabriel mais atormentado do que nunca, porque sente, cada vez mais, as garras atrozes do ciu-

cravarem-se no seu coração...

Françoise não sabe mentir, mas tambem não sabe ser fiel. Por causa da amante, Gabriel soffre tormentos crudelissimos, mil vezes mais duros do que os inflingidos por ella ao seu infeliz noivo. E' um veneno que se apodera lentamente da alma do antigo trabalhador, absorvendo todas as suas energias, consumindo todos os seus momentos. Françoise é cada vez mais victima do vicio...



A alma de Gabriel está envenenada pelo ciu-me. O Destino, porem, escrevera que elle estaria proxivamente empolgado por um novo sentimento. De longe, a es-

posa lhe communica que em breve seria mãe, que um pequenino ser viria á vida, para ser talvez mais amado do que ella.

Gabriel ainda amava a esposa, e sente novamente ciumes bem differentes dos que o atormentavam antes, ciumes de que alguém seja mais amado do que elle. São os laços que a terna esposa estende em torno delle, e que o prendem, afinal.

Françoise advinha tudo, sente

a transformação que se opera no amante, a quem já admira bastante. Como apparecera, podia então sumir-se para sempre, deixando apenas a saudade de umas horas de loucura...



"One Woman's Answer" foi anunciado como titulo final do film da Metro-Goldwyn-Mayer provisoriamente intitulado como "Enemy Territory". Virginia Bruce, Herbert Marshall e Mary Astor são os protagonistas desta historia original para a tela de Margaret Culkins Banning. Robert Sinclair tem a seu cargo a direcção.





— Do alto desta sacada, nós te contemplamos, Cinelandia...
Do alto da sacada, quatro creaturas graciosas contemplam a região fascinante da Cidade Maravilhosa, durante um pequeno intervalo das aulas de inglês. Tartamudear a língua de Shakspeare, enquanto, alli em baixo, fervilha a vaidade, a Moda, o desfile fantástico do Cinema, é um crime que...

Mas o reporter tem a sua attenção despertada para o cavaleiro correcto, com ares de aristocrata russo, que passeia dispoliticamente. Aquella physionomia não lhe é desconhecida. Ah

— Mister Mischa Auer! Por aqui?

— Sim, meu caro. Estou a ver Leonidas longe das Thermopylas...

— Leonidas? O jornalista julga que Mischa Auer ainda está sob a influencia lunatica de algum papel desempenhado. Mas o Principe russo de quasi todos os filmes, explica:

— Em quem é que todo o Brasil pensa agora, sinão em Leonidas o irrequieto *forward* brasileiro, classificado de fantástico, fulminante, diabolico, demoniaco, em suas jogadas, que derrubaram a esperança da Polonia?

— Realmente. Leonidas hoje é uma bandeira de victoria. Mas... as Thermopylas? E os trezentos spartanos?

— Meu caro amigo, *lo ok!* O que é aquillo sinão um verdadeiro desfildero aquele meio fio deixado pela Prefeitura, enquanto concertam as calçadas, alargando-as? Veja aquellas moças, como fazem prodigios de equilibrio, para passarem entre o bonde que desliza, vertiginoso, e os montes de pedras e os trabalhadores. Sempre faceiras, com um sorriso para o photographo, lá vão ellas, gentis equilibrando-se. E' uma pequena emoção no tedio da tarde cinzenta escolher aquelle pequeno desfildero estreito onde, pelo menos chamam a attenção dos gregos e troyanos que assistem ao desfile, ou que voltam-se para vel-as passar, detendo a marcha...

— Mas, Mr. Auer, a Cinelandia nem sempre é assim...

— Quasi sempre. Mr. Reporter. Quando não tem, dentro do logar commum do seu vae-e-vem o hiato emocionante de um meio fio vagabundo, distrahe-se, conjugando aquelle verbo tão agradável ás vezes, tão amargo muitas outras: esperar. Veja, Mr. Reporter, aqui, alli, acolá, sozinhas, em companhia das

mamães, junto com as amigas, delicado *lorgnon* entre os dedos, que fazem ellas sinão esperar sempre, condemnadas a fazel-o eternamente por alguém. A Cinelandia é brilhante, mas olhe aquelle *gary*, limpando talvez uma poça de lama. Nesta região fascinante da tua cidade, em ponto menor do que a Broadwa y scintillante, ha, em verdade, os que vão ao cinema, burguezmente, para fazer a digestão, os que, como aquellas creaturas que vês alli, esperam, e outras que descem á cidade e vão ao cinema do lado de fóra...

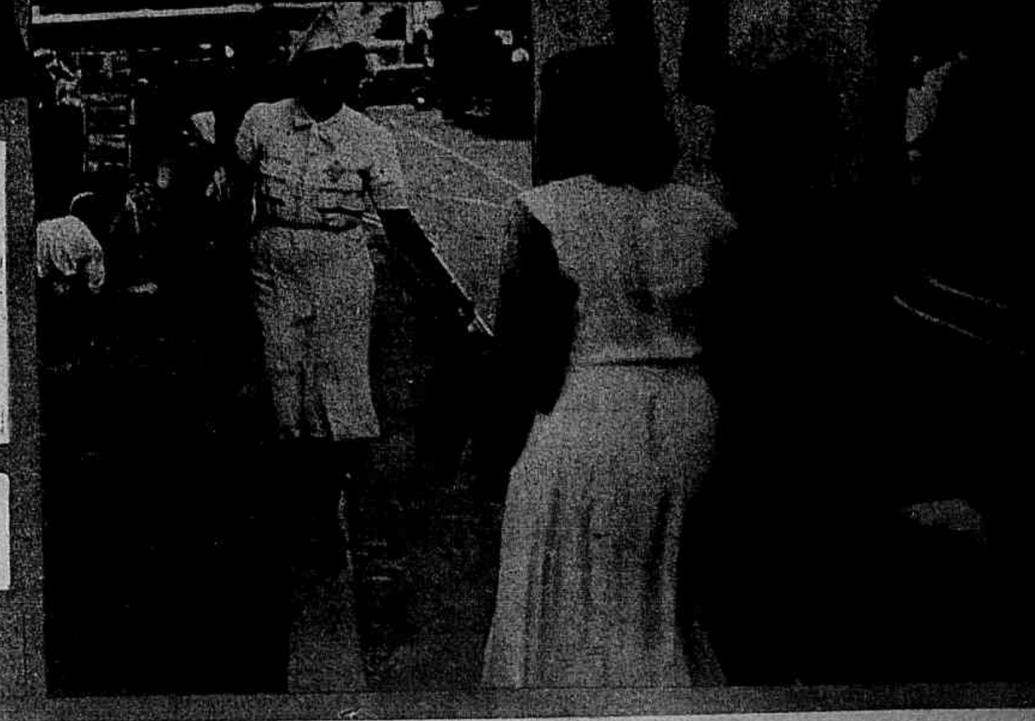
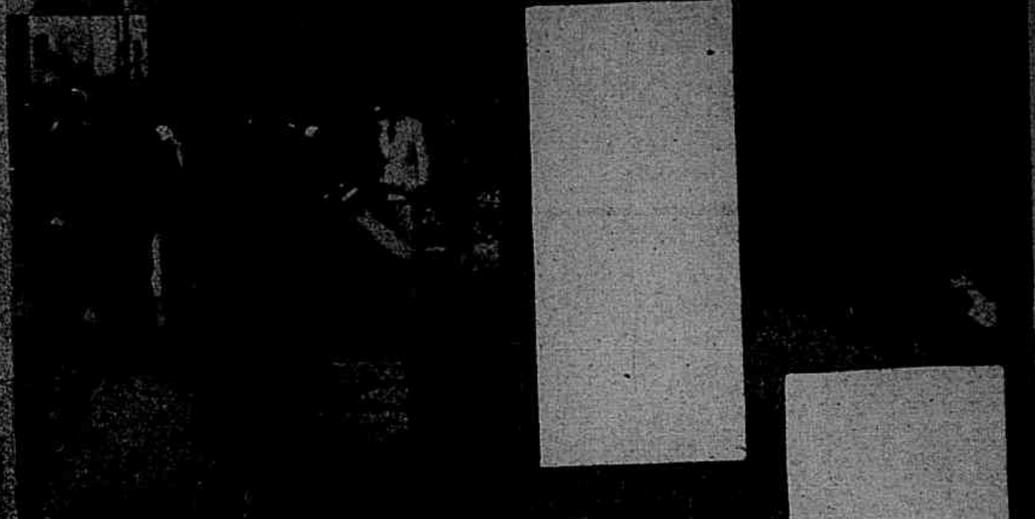
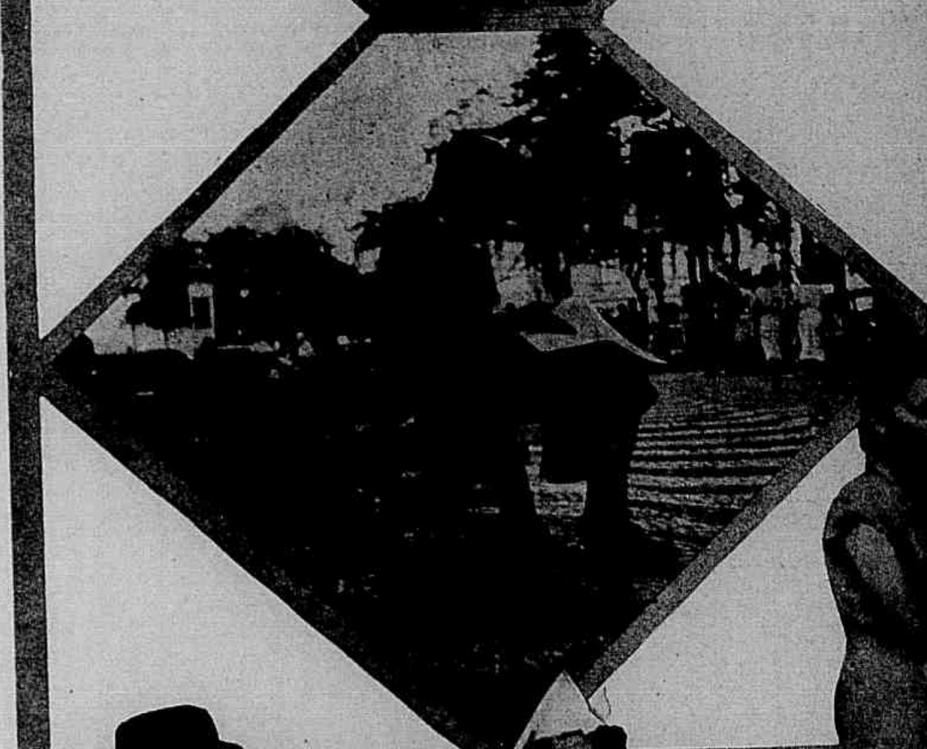
— Mr. Auer, como assim?

— Olhe, lá ao longe aquella creatura isolada do mundo, em um banco lendo. E, agora, desçamos um pouco: esta outra, vendo a fita no cartaz. Paremos um instante. Veja aquella outra, que depois de examinar attentamente os cartazes dos cinemas, lê calmamente o enredo da fita na sua revista predilecta...

LUIZ MORENO



TARDES
DA
CINELANDIA





**HOLLYWOOD
OLHANDO
PARA O ESPELHO**



Hollywood, Junho de 1938: — Modas: — Nenhuma mulher, infelizmente, tem o poder oculto e precioso de prever de qual fonte surgirá a próxima Moda!

Nesta Primavera, por exemplo, temos um certo tom de azul... simplesmente porque um desenhista, tendo ido a um hospital consultar seu medico, gostou da cor dos olhos do esculapio!

Outra moda curiosa é a que lembra o circo, o carroussel de todos os tempos. E por que? Apenas porque foi sob o toldo de lona de um grande circo, que o desenhista de modas encontrou a inspiração.

Todas essas joias orientaes, que circundam os pulsos, os dedos, o pescoço, as orelhas das mulheres mais elegantes do mundo é apenas o resultado da gritaria feita pelos jornaes de todo o universo a respeito da guerra Sino-japoneza.

Tambem os vestidos de muita simplicidade estão em grande voga. Sabem qual a razão dessa nova moda? A preferencia que a esse

typo de vestuario dedica a famosissima e elegantissima duquesa de Windsor!

O celeberrimo desenhista de modas Orry Kelly teve, ha dias, uma boa ideia para um casaquinho verde, que Olivia de Havilland está vestindo no scenario de *Four's a Crowd*, no studio da Warner Bros. Contou-me Kelly que a inspiração nasceu, quando esperava, na sala de recepção de um grande hotel, certo fabricante de tecidos. Não tendo como encher o tempo, começou a observar os casaquinhos cintados dos *boys*. Resolveu combinar com esses casaquinhos a já victoriosa saia justa. E eis como nasceu uma nova "linha" feminina!

O vestido ondeado, com cinto duplo, que o famoso figurinista Milo Anderson está confeccionando para a lourissima Marie Wilson vestir no scenario de *Boy Meets Girl*, primeiro film de James Cagney, apoz sua longa briga com a Warner Bros., foi inspirado — segundo explicou o proprio Anderson, quando desenhava os vestidos "historicos" para o extraordinario e espectacular film *The Adventures of Robin Hood*. Descobriu que podia tirar cousas lindas e bem modernas dos vestuarios da epocha do rei Ricardo Coração de Leão.

◆ Joan Perry, da Columbia, com um harmonioso conjunto, em cor preta, constando de um chapéu de feltro crystal, typo boina. O vestido é de velludo, de blusa justa, atacada na frente com fita de velludo.

◆ A' direita — Rita Hayworth, da Columbia, tem um bello chapéu de velludo preto, de copa bem alta, adornado por tres cordões dourados, e um véo cahindo sobre o rosto, que são, aliás, os unicos enfeites deste simples e gracioso modelo.





Mabel Tood va e aparecer com um roupão para banho, estampado, com desenhos grandes, no film *Gold Diggers in Paris*, proximo musical da Warner. Por que esse estampado? Simplesmente porque o não menos famoso desenhista Howard Shoup visitou certa vez, um club nocturno, onde se apresentava um numero de bailado cujo thema era ligado a aventuras nos "Mares do Sul". Logo descobriu que os estampados coloridos, quando photographados surgiriam magnificamente.

Cada viagem que um desenhista faz, cada livro que lê, toda

peessoa que encontra, tudo, em summa, poderá ser motivo para uma inspiração e influir na proxima moda.

Belleza: — Quando Bette Davis, a artista mais premiada pela Academia de Arte e Sciencia Cinematographica de Los Angeles, surgir como uma beleza de 1850, no film *Jezebel*, que acaba de ser filmado nos studios da Warner Bros., em que ha uma scena indicando que ella se va encontrar com o namorado — no caso George Brent— lembrem-se que ella dá ligeiros beliscões

nas faces afim de que fiquem rosadas. Tambem morde os labios, para tornal-os mais vivos, rubros e palpitantes.

Quão melhor seria, se muita moça de hoje seguisse esse simples methodo da adoravel Bette Davis, em vez de estar reforçando a todo instante, a sua "dose" de rouge. Porque, infelizmente, muita moça de hoje não sabe applicar o rouge... nem ha ninguem capaz de as fazer aprender essa arte tão simples!

Aquellas que encontram difficuldade em espalhar o rouge sobre toda a area facial, poderão aceitar, querendo, outro conselho — este de Ann Sheridan, a

perturbadora beleza morena dos films de Hollywood.

Ann Sheridan conseguiu acertar na escolha do melhor pó de arroz. E' de um tom rosa muito escuro e usa-o como se fosse rouge.

Depois de o ter applicado sobre o pó de arroz commum, espalha-o sobre as faces com uma pluma finissima, especialmente preparado, proseguindo no trabalho delicado, até que o pó roseo termine levemente, nos cantos do rosto. Em seguida retira o superfluo, usando uma escova de cabelo, não tão macia como a de uma pluma.

E o resultado disso é que o *make-up* terá a apparencia mais natural possivel.

✽

Jane Bryan, a mignon estrellinha da Warner Bros, que, em geral, usa o seu rouge em pasta, declara que se obtem um melhor resultado, applicando essa pasta directamente sobre o pó e em quantidades tão diminutas que mais facilmente pode ser espalhada sobre as faces. Quando o excedente de rouge precisa ser removido é melhor lavar o rosto todo de uma vez e recommear a operação, do inicio. Ao fim de alguns dias obtem-se a necessaria pratica para não ser preciso repetir esse trabalho.

✽

O rouge em pedra, tambem muito usado, deverá, naturalmente, ser passado sobre o pó de arroz, por meio de uma pluma. Deve-se, porem raspar bastante a pedra, para que a pluma contenha boa quantidade de pó e o mesmo possa, mais facilmente, ser applicado e nunca "esfregado" na epiderme.

✽

Departamento de Cosinha: — Vocês que vêem, a cada novo film de Jane Bryan, como se desenvolve admiravelmente bem, essa estrellinha de Hollywood fiquem sabendo que carne é cousa que ella come rarisimamente. Em todo o caso não deixa de comer, completamente, esse prato que para muitos é absolutamente indispensavel diariamente! Assim, uma vez por semana encomenda á sua cosinheira um menú com carne. Dámos aqui um exemplo de menú bem controlado e que nos foi dictado pela propria Jane Bryan:

1.º almoço ou café matinal:

Bananas com cereaes não cosinhados
Pão de centeio, torrado.
Laranjada.
Café simples.

Almoço:

Peixe e arroz, em conchas.
Bolinhas quentes, de farello.
Salada de batatas com cenouras.
Macarrão á bolonheza.
Ameixas pretas.

Jantar:

Cocktail.
Prato vegetariano com ovos cozidos.
Salada de peras e queijo.
Pastel de manteiga, escossez.
Chá com limão.

✽

Novidades: — A maior sensação de cada Primavera é o solenne jantar offerecido pela Academia

de Award, para a annual distribuição de premios ás estrellas astros, directores e productores.

Este anno, como de costume, o jantar teve logar no Baltimore Bowl.

Sempre, nessa occasião, as mais altas personagens de Hollywood apresentam suas toilettes mais elegantes.

Entre as mais notadas figuras femininas do ultimo jantar destacaram-se:

Mme. Jack Warner, esposa do Vice-presidente, encarregado da produçãõ da Warner Bros., que foi muito elogiada por sua toilette. Recebeu tantos cumprimentos quanto seu famoso marido, quando lhe foi entregue a estatueta de ouro, devido a ter sido o productor do maior film do anno: *Emile Zola*.

Mme. Jack Warner apresentou-se vestindo toilette preta, justa, sob capa tambem justa, de lã preta, abotoada, de alto a baixo. Todo o chic dessa toilette se resumia em uma grande rosa encarnada, de seda, que devia ter bem seus vinte centimetros de diametro. Collocára-a na cabeça, presa de um só lado, como se costumam usar os modernos chapéos.

Mme. Pat O'Brien, conhecida como a mais chic das es-

posas dos astros, vestiu uma toilette de crepe encarnado e rosa. Era de linhas justas e tinha uma franja larga, que prendia no hombro direito, cahindo sobre o lado esquerdo, até o limite da saia. Uma capa, combinando com o vestido, tinha enfeite de rapoza prateada e era drapeada.

Dick Powell se mostrava radiante, nesse jantar. Pudera, não! A seu lado, sua esposa, a bella Joan Blondell, era alvo de elogiosos commentarios, pela beleza de seus olhos, seus cabellos, sua pelle e a elegancia de sua toilette.

Joan vestia jersey de chiffon branco, drapeado e modelando seu corpo perfeito, segundo o estylo grego. Os enfeites eram de renard branca.

✽

Todos os presentes ao mesmo jantar admiraram o cabelo de Lola Lane, que começava como o penteado de um pagem, mas acabava em um grande rolo, formado por pequenos cachos superpostos, tendo, na frente,

uma coroa de pedras multicores. Pequenos cachos tambem cobriam as temporas. Seu vestido tinha o corpete preto e sobre elle um leve tecido, como filó, branco; a saia era bem rodada, de taffetá preto e sobre ella um tecido igualmente leve como o filó, porem preto.

✽

São as ultimas novidades sobre moda, beleza e mundanidade desta fantastica Hollywood!

Esperem-me na proxima semana...

LINDA LEATH

MARY BRODEL

(NOVA UNIVERSAL)





BETTE
DAVIS
(WARNER)

OS QUE VIVEM NO ÉCRAN

PERSONALIDADES

SHIRLEY TEMPLE

Aproveitando o sabbado — dia de folga total para mim — rumei para Fox Hills, onde uma vez mais ia ver de perto do prodigio cinematographico: — SHIRLEY.

Duvidas graves me assaltavam ao me encaminhar ao encontro da incomparavel estrellinha. Cheguei a imaginar uma scena de sainete, e explicava, perfeitamente a mim mesmo, a attitude de Mr. Bill Seiter, o director, que se arroja aos pés da menina dos cachos de ouro, enquanto um exercito de auxiliares technicos, munidos de bonecas e bombons, supplicam com voz lamuriante... a esmola de uma expressão cinematographica.

Mas Shirley não precisa d'essas cousas. E' tudo invenção, o que se conta a respeito della.

Shirley é uma caixa automatica de emoções, cujo conteudo se derrama em todas as direcções e para a agonia (em certos casos) dos cerebros que a circumdam. E' que, como Eleonora Duse, como Sarah Bernhardt ou qualquer das grandes tragicas de nossos tempos, a pequenina figura das covinhas deliciosas é verdadeiro fogo de artificio na arte da emoção e tambem sabe bater com o pézinho no tapete e deixar-se levar, como qualquer grande artista, pelos impulsos mais repentinos e os desejos mais triviaes.

Uma entrevista com Shirley Temple é algo inaudito, em Hollywood e não tem paralelo possivel. A *Twentieth-Century-Fox*, com quem se encontra preza por contracto, guarda-a zelosamente como guardaria Aladino sua lampada maravilhosa.

Shirley, porem, tem o direito de pedir sorvetes, sorvetes, sorvetes em pleno inverno e ninguem duvida que os terá nem que seja preciso mandar buscar, em avião, de Nova York. Para cessar suas lagrimas se atirariam ao solo, rebolando sobre o tapete, arrastando-se sobre o lagedo os maiores figurões do *executive* sem pensar no vinco impecavel de suas calças.

Por tudo isso e por outras razões ainda mais fortes, ninguem poderá se approximar denodadamente da prodigiosa creaturinha, sem sentir emção ultra-colossal. E Shirley, em ultima analyse, não é mais do que uma bonequinha perfeita, que sabe dizer mais do que "papai", "mamã", e tambem sabe dansar e cantar como gente grande. Mas, alem de tudo isso, uma entrevista com Shirley dá ao jornalista oportunidade de se approximar da estrellinha e depositar em suas faces rosadas um beijo de amizade.

Nosso dialogo foi breve, porem succulento: foi, principalmente, sincero e á altura das circunstancias:

— Hellô, Shirley... Então? Você gosta de cinema?

— Humm... As vezes é bom...

E logo, a inquieta garotinha me pergunta, muito seria:

— Você é jornalista... e falla hespanhol? — Faz um gesto displicente e, depois olha, rapida, para uma senhora, que lhe dá, á distancia, conselhos urgentes e mudos. Shirley está louca para rir e fazer-me uma caretinha pondo a lingua de fóra, porem prefere resistir e ficar muito seria e quieta, á altura das circunstancias. E, nesse instante, justamente, verifico que ella está á altura de uma verdadeira estrellinha, que, quantas vezes, numa entrevista, resiste á tentação de rir da nossa tarefa ou de nos descompor pura e simplesmente.

Desejaria perguntar-lhe, em tom paternal, sobre a edade exacta que tem... suas impressões sobre a vida, porque sinto que ella viveu mais do que Diogenes, quando tinha oitenta annos. *In mente* sinto forte desejo de contrariar-a, para que diga a verdade, provocando-a para que me revele os segredos de sua dieta, quantas vezes fez chorar de raiva o seu director... Mas contenho-me, a tempo, por piedade, porque não quero ver caras assustadas em redor de nós dois.

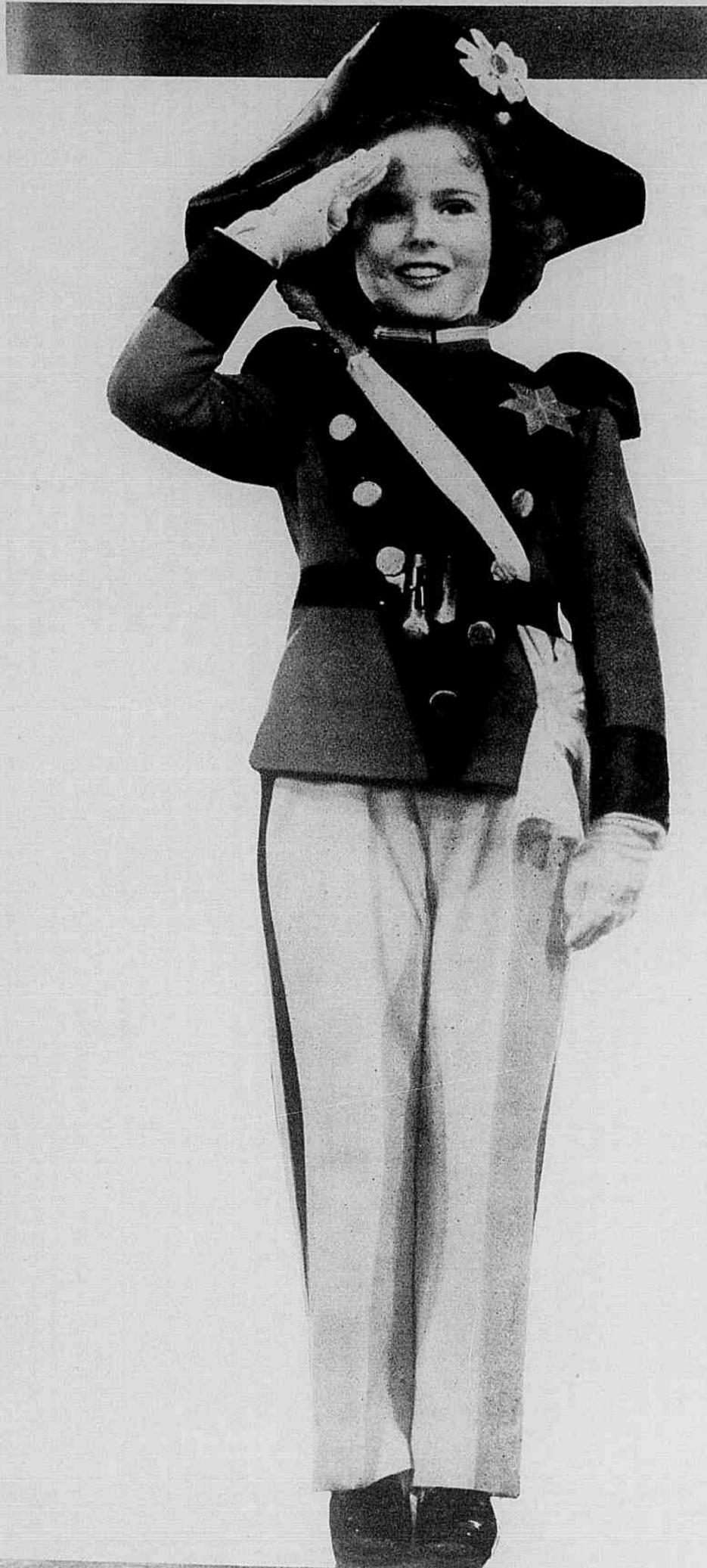
A verdade é que Shirley se habituou a ficar seria e que, quando algum jornalista não resiste á tentação de lhe applicar algumas quantas caricias banaes, já não lhe mostra a lingua, nem faz *fiou!*, como ha tempos. Por isso fico pensando se a *psyché* da estrellinha da *20th Century* soffreu uma transformação contra-productente.

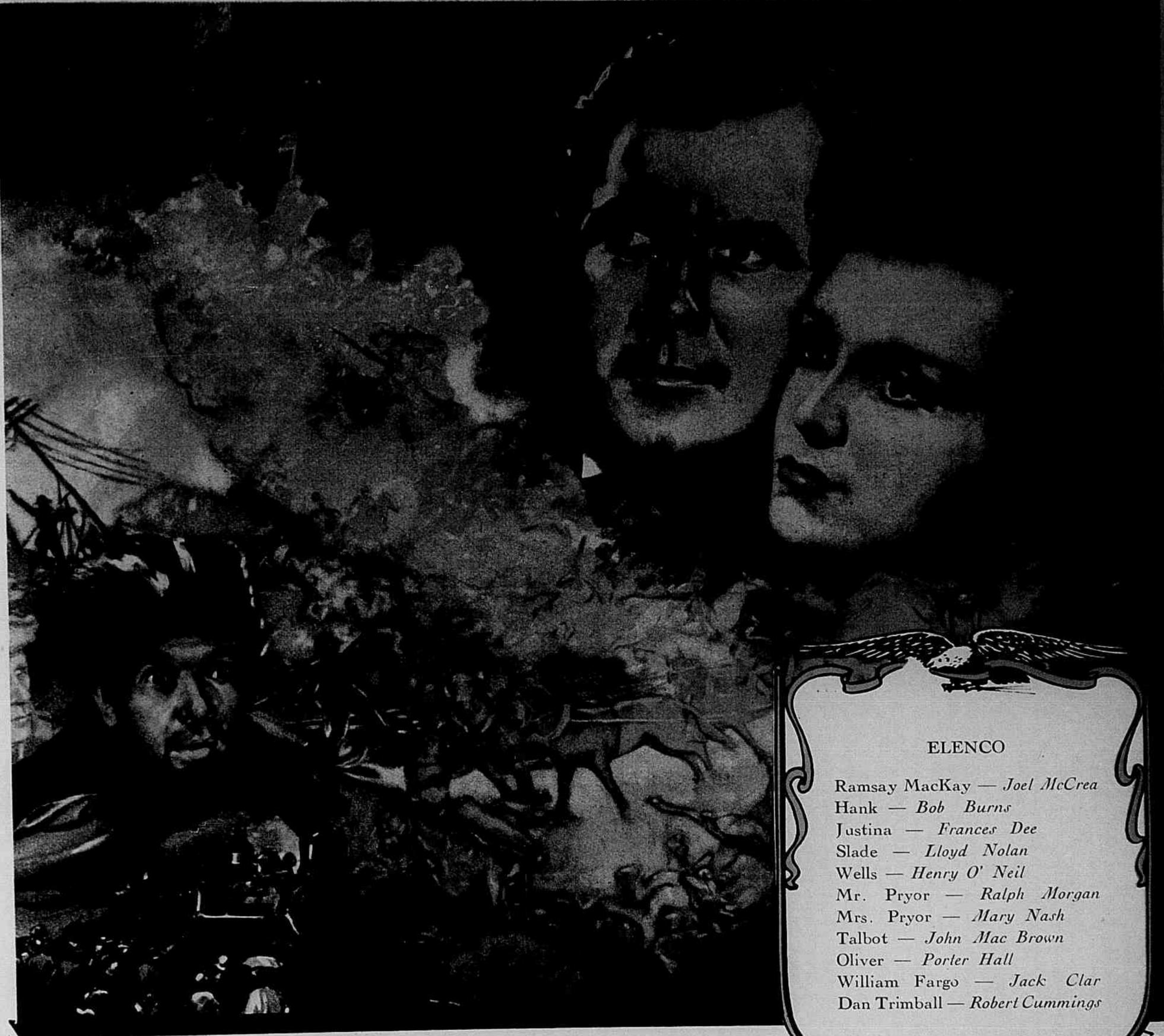
Shirley, porem, conquistou mais uma victoria. Executou mais um passo no caminho da Vida. A consciencia da celebridade! Já sabe, agora, o que é a publicidade e o que venha a ser ter obrigações estellares. A pequena dos cabellos de ouro, o pequeno thesouro incomparavel já não é uma bonequinha que sabe representar. E' uma menina professional.

Ha uns dois annos, Shirley desatou a chorar, quando um admirador não resistiu ao desejo de lhe passar sobre os cachos sedosos, uma mão aspera e tremula de emoção. Porem a menina que tenho agora diante de mim com ares de nympha diminuta, sorriria, se passase a pata calejada sobre a dourada cabelleira. Sorriria, consciente do alto tributo.

Na verdade, Shirley deixa em nós um sabor de decepção, ao primeiro contacto. Mas é um erro! Pois não é verdade que Shirley, como tudo, na vida,

(Continúa na pagina 32)





ELENCO

Ramsay MacKay — *Joel McCrea*
Hank — *Bob Burns*
Justina — *Frances Dee*
Slade — *Lloyd Nolan*
Wells — *Henry O' Neil*
Mr. Pryor — *Ralph Morgan*
Mrs. Pryor — *Mary Nash*
Talbot — *John Mac Brown*
Oliver — *Porter Hall*
William Fargo — *Jack Clar*
Dan Trimball — *Robert Cummings*

(WELLS FARGO)

Filme da Paramount, dirigido por Frank Lloyd.

UMA NAÇÃO EM MARCHA

Cine Romance



Era o panico que se estabelecia em S. Francisco e que alcançava tambem os escriptorios de Wells Fargo.

A locomotiva ainda estava nos primeiros dias do seu nascimento. Atravessando o Atlantico, o invento de Stephenson ainda não lograra o exito necessario para levantar capitaes necessarios á completa distensão das linhas de ferro pelo gigante norte-americano, jovem ainda, porem já com um futuro promissor. Na primavera de 1840, a primeira estrada de ferro americana não ia alem de Batavia, no Estado de Nova York. Dalli para deante penetrando sempre para o Oeste bravo, existia apenas a estrada aberta pelo homem, vencida pela sua tenacidade.

A chegada do comboio, a pequena estação regorgitava de pessoas, anciosas pela appareição de um jovem, em quem se concentravam todas as attensões.

Não era o personagem central, de um grande acontecimento: era simplesmente Ramsay MacKay, o logar tenente de Wells Fargo, o jovem que levava para adiante o sonho de um homem já edoso, porem senhor de extraordinaria visão do futuro. O transporte, qualquer que fosse o genero da mercaderia, estava entregue á bravura daquelle jovem. Delle dependiam todas as empresas, delle dependiam as attitudes em qualquer circumstancia; e a sua popularidade já era extraordinaria, em toda aquella zona.

Wells Fargo, a empresa nascente, cujo desenvolvimento patenteava-se dia a dia, era a propria concorrente do governo americano. Centenas de pessoas preferiam os seus serviços postaes aos do governo, e, naquelle dia, mais uma vez o melancolico agente postal de Batavia não pode sopitar a sua colera ao verificar que pela mala official haviam chegado apenas tres car-

tas, enquanto que dezenas de pessoas aguardavam que MacKay abrisse a sua mala particular.

— Olá, Bart, tu aqui! — disse o jovem recém-chegado, saudando um dos presentes á chegada do trem. Trouxeste o gelo? — continuou. Apressa-te, que tenho que estar á uma hora em Buffalo...

Os circumstantes admiravam-se da rapidez com que MacKay desempenhava as suas missões. Depois, com taes meios de transporte...

— Isto, sim, é correr! — continuou Ramsay. Sahi de New York em trem... depois, em trem... depois, navio... e novamente, trem!

As palavras do logar-tenente de Wells Fargo, ditas para inspirar confiança, tiveram o condão de augmentar o assombro dos presentes, que não pouparam commentarios ao que julgavam extraordinario.

— Quatrocentas milhas em dois dias? E' voar...

Ramsay MacKay, porem, não dispunha de muito tempo; e um resistente carro, tirado por dois preciosos animaes, esperava por elle, pois devia levar a Buffalo uma carga a que dispensava muitos cuidados. Pouco tempo mesmo teve para attender ao *sheriff* local, quando este lhe deu ordem de prisão, por estar fazendo livre concorrência ao governo, transportando malas postaes, com grave risco para as rendas publicas.

— Venha dahi, Ramsay — intimou o delegado.

Dezenas de vezes protestaram. Ramsay não se alterou, pois, de qualquer maneira, e antes de mais nada, devia estar em Buffalo a uma hora.

— Prenda-me outro dia, capi-

tão — chacoteou com a autoridade. Tenho que estar em Buffalo a uma...

E, sem esperar outra resposta, deu redea aos animaes, que partiram a largo galope, habituados áquellas viagens vertiginosas. Na boléa, Ramsay MacKay dava provas da pericia que lhe havia conseguido a primazia entre os mais perfectos conductores de vehiculos da região.

Durante da viagem, um obstaculo apresentou-se em meio da estrada, representado por um coche que tivera uma roda partida.

Um cavalheiro distincto, no meio da estrada, solicitou-lhe auxilio e, se fosse para Buffalo, pediu-se que mandassem outro coche. Ramsay, attendendo aos rogos do desconhecido, dispunha-se a partir, quando outra solicitação subitamente se fez ouvir, desta vez partida de gentil creatura que certamente estava no coche.

— Deixa-nos neste deserto? Não poderia levar-nos a Buffalo?

— Com muito gosto, senhorita... mas... Leval-as-ia... Não iriam muito a commodo, pois a carga...

A jovem, entretanto, sem ligar importancia ás advertencias de MacKay, justamente temeroso de expor duas senhoras á vertigem da sua viagem, considerou aquillo apenas uma aventura, e insistiu no pedido.

— Seria engraçado... nunca viajei numa carroça. Mamãe, este moço offerece-se para levar-nos a Buffalo...

Ao contrario da impetuosa jovem, a senhora teve duvida em acceitar o convite feito, allegando que era uma carruagem suja. Ramsay defendeu com ardor o

seu vehiculo. Era um carro resistente, porem não muito commodo mas, finalmente, com auxilio do cocheiro concordaram em subir para a carga e, dentro de poucos minutos soffriam indiziveis tormentos, victimas dos tremendos solavancos que dava o resistente carro da Wells Fargo. Em Buffalo, onde pareciam morar as inesperadas passageiras de carro, grande numero de pessoas esperava por MacKay e, entre ellas, o extraordinario creador do systema de transportes que estava avassalando os Estados Unidos. Naquelle rapida viagem, entre o jovem mensageiro e a insinuante creatura que elle transportara, estabeleceu-se uma forte corrente de sympathia, com a qual não concordava, então, a rigida Mrs. Pryor, mãe de Justina, a linda jovem.

— Desculpe-me a carreira — procurou justificar-se Ramsay, ao deixar a jovem na porta do hotel.

A moça, entretanto, ainda não estava refeita da viagem, a ponto de receber sem um pouco de ironia as desculpas do inesperado amigo:

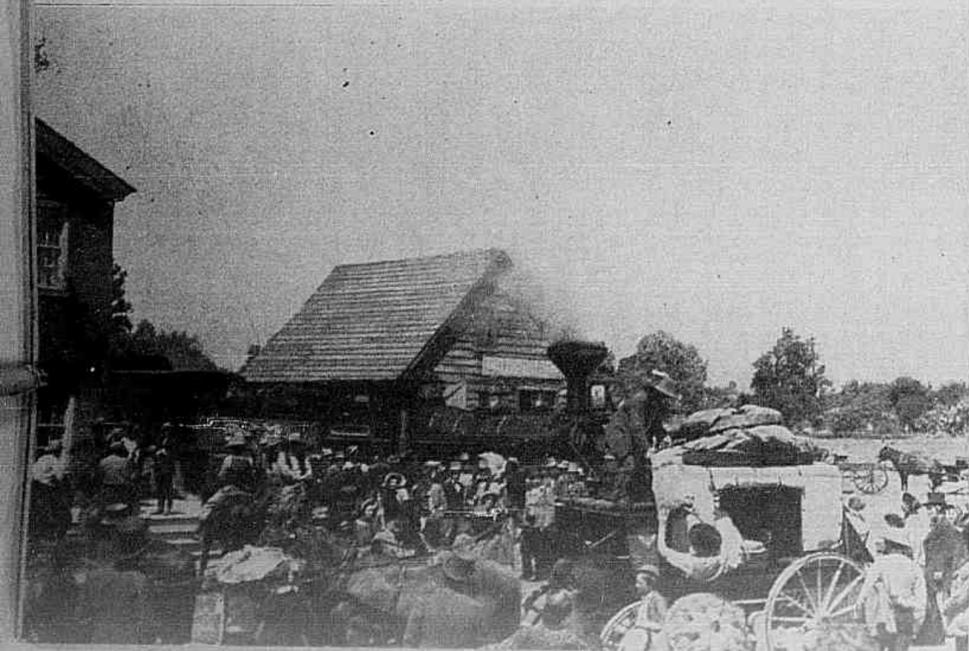
— Com descanso e bastante arrnica, logo estaremos restabelecidas...

Ramsay ainda procurou formular mais algumas desculpas, allegando que as havia advertido da pressa.

— Nunca vi tamanha loucura! — censurou Justina. Que trazia nos barris? Ouro?

— Não — respondeu Ramsay, calmamente. Ostras! Sim... fresquinhas... directamente de New-York!

Voltemos, entretanto, ao ponto terminal da viagem de Ramsay,



e ouvimos uma discussão entre Mr. Wells, o pioneiro dos transportes e Bradford, um dos grandes banqueiros de Buffalo, a quem Wells procurava interessar na empresa que elle pretendia ampliar.

—Levar um frete por terra a St. Louis é um sonho, Wells! dizia o banqueiro, incredulo. Aquillo está despovoado...

Wells era invencivel em suas opiniões e para cada argumento tinha um outro, prompto a rebater a incredulidade.

—Lgo se encherá de gente!— respondeu. E que me diz de Missouri? — perguntou, pretendendo insinuar-se.

O banqueiro era irreductivel, porem Mr. Wells contava com um argumento bem mais poderoso para convencel-o; e, para tal, reunira os homens eminentes do lugar em um grande almoço, que dependia da habilidade de Ramsay MacKay, que, como vemos, desempenhara com garbo a sua ardua missão. Ao breve dialogo que o pioneiro dos transportes manteve com o banqueiro, seguiu-se um convite amavel para o almoço, durante o qual seria finalmente annunciada a surpresa.

—Venha essa novidade... pois tenho uma fome doida! disse Bradford com ironia...

—O nosso amigo Wells é que tem o segredo...

Justina jamais abandonaria o esposo, consolando-o com a sua palavra.

Durante o almoço, finalmente, Wells levantou-se para annunciare a surpresa tão anciosamente esperada.

—Senhores... eis a surpresa! Quero com isto mostrar ao meu amigo e banqueiro Bradford, homem que preza o ouro, que o transporte mais rapido pode realizar verdadeiros milagres para o bolso e para o gosto... sim, o gosto unico de saborearmos em Buffalo uma iguaria que sem transporte nenhum ouro poderia comprar — *ostras frescas, senhores!*

Immediatamente, varios creados entraram, trazendo em bandejas, devidamente geladas, as preciosas ostras, que Ramsay havia transportado tão vertiginosamente, com grave risco do conforto da bella Justina da e sua mãe. Bradford, grande apreciador do mollusco, não poudo esconder a satisfação de que ficou preza ao ver o seu petio predilecto, trazido de tão longa distancia e em tão boas condições. E isto bastou para Wells, que annunciou aos presentes:

—Tenho o prazer de comunicar-lhes, senhores, que muito breve inauguraremos o serviço rapido de carros para St. Louis...

Mais uma vez Mr. Wells procurava convencer Ramsay.

Com esta simplicidade, Wells conseguiu assim interessar um poderoso banqueiro na empresa a que dava toda a sua actividade. Para o problema dos transportes, rasgavam-se horisontes bem promissores, embora a tarefa fosse ardua, e tivesse que contar, mais tarde, com serios contratemplos. Um simples carregamento de ostras, transformado em ardiloso estratagem a por um homem de larga visão commercial, viera imprimir vida nova a centros cujo progresso seria bem tardio, entregue aos seus proprios meios.

Quando Ramsay chegou já era tarde.



Servindo com lealdade a Wells, Ramsay era justamente aquelle que com mais enthusiasmo fazia a propaganda dos meios de transporte que estavam introduzindo nas regiões embrutecidas e lentamente populadas. Entretanto, a grande massa dos elementos possuidores do capital ainda permanecia incredula, deante dos obstaculos que a propria natureza antepunha aos mensageiros e ao proprio Mackay, tido como invencivel em suas missões. Outros, comtudo, manifestavam certa confiança nos novos meios, preferindo-os em detrimento aos que eram offerecidos pelo Governo.

Dias depois da sensacional surpresa preparada por Wells, o pae de Justina, Mr. Pryor, aguardava o resultado de uma vultuosa venda de pelles que mandára fazer em New York e com a qual pretendia solver determinados compromissos nos bancos locais. Pryor confiára a venda aos seus agentes na grande metropole americana, que eram justamente Wells Fargo, a firma já victoriosa e para a

qual Ramsay trabalhava com tanto ardor. Exgottado o prazo fatal, Pryor appellara para os banqueiros, solicitando-lhes um pequeno emprestimo, visto que os saques não tardariam.

— Prometteram mandar-me os saques por mensageiro terrestre— insinuou Pryor, procurando justificar o emprestimo que pretendia.

— Vem por terra? — perguntou um dos banqueiros.

— Sim, até St. Louis.

— Descabellada ideia! — explodiu o magnata. — Perdôe-me a expressão, — continuou, emendando a brutalidade dos termos empregados. De Buffalo até aqui está tudo inundado pela chuva, e o degelo...

— E' impossivel passar — ajuntou outro banqueiro.

Pryor, porem, tinha confiança em Wells Fargo, que já lhe havia prestado outros serviços. Portanto, protestou com vehemencia.

— Deve ser difficil; mas impossivel, não!

— Sentimos não ter a mesma confiança nessa empreza de...

— Sim, Wells Fargo — emendou Pryor.

Inutilmente, procurou Pryor demover os banqueiros, sem resultado, não lhe restando outro meio sinão confiar no denodo do mensageiro enviado por Wells Fargo



a sua preciosa carga. Des-
do, Pryor, dirigiu-se para
a, onde o esperavam ansiosas
posa e a filha e mais um
nagem que pretendia, ha
o tempo, a mão da bella
na. Previdente, Mrs. Pryor,
chando que o esposo não
guiria obter dos banqueiros
cessario emprestimo, julgara
com aviso industrial Mr.
ot a respeito de um provavel
o que teria que prestar ao
marido a quem aquelle, ha
o tempo, acariciava ter como

licadamente, Pryor excusou-
egando que tinha confiança
agentes a quem confiara a
a. Mrs. Pryor, comtudo,
era da mesma opinião.

Pois eu não tenho confiança
ntoufa a senhora. E como
a quem espera, desespera.
amei Mr. Talbot. Já lhe
quei tudo e offereceu-se a...

btilmente, Talbot confirmou
erecimento de Mrs. Pryor,

adeantando que si o chefe da
casa precisasse de algum dinheiro.

— Não é estranho — continuou
Mrs. Pryor — Talbot é quasi
da familia...

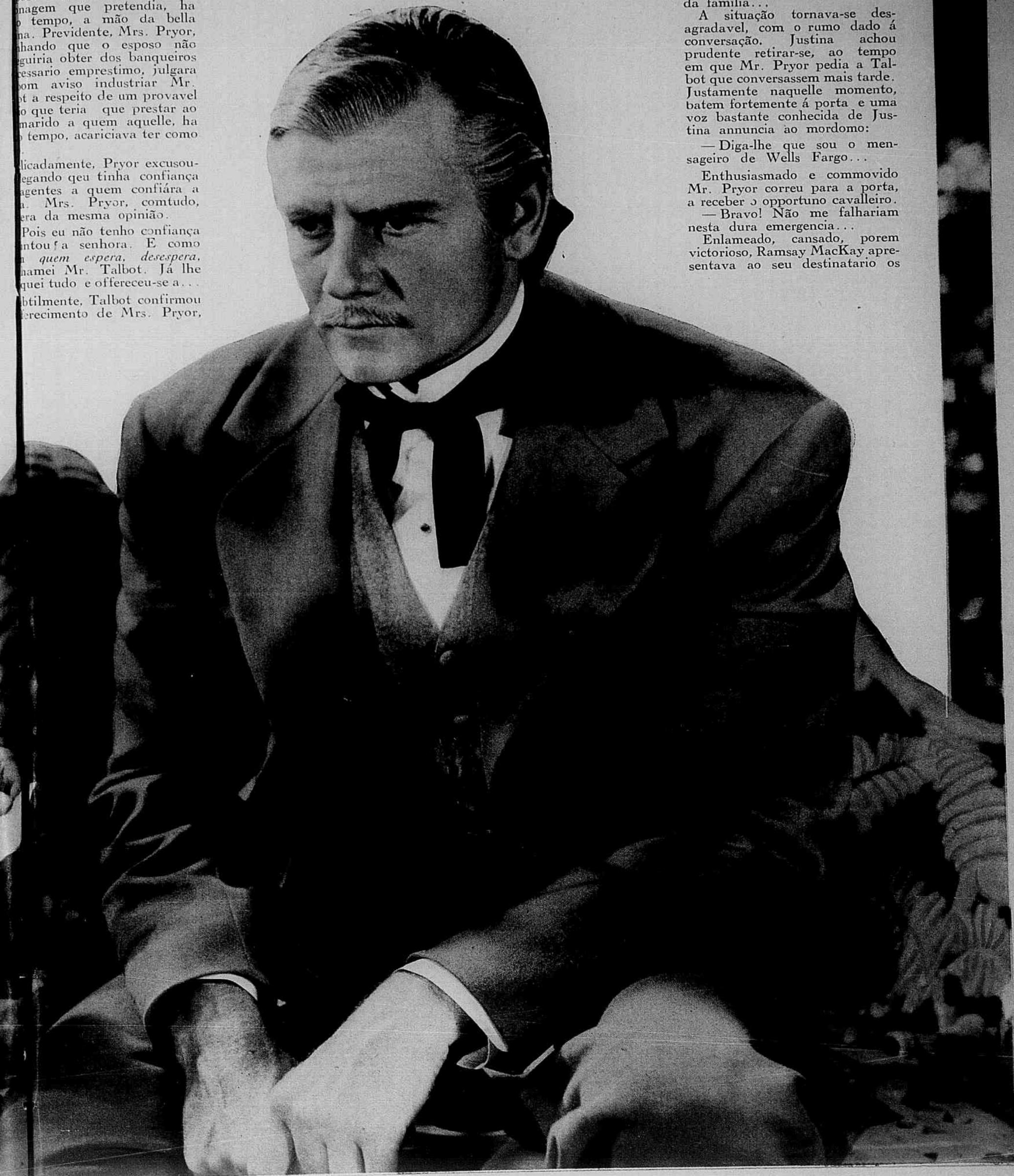
A situação tornava-se des-
agradavel, com o rumo dado á
conversação. Justina achou
prudente retirar-se, ao tempo
em que Mr. Pryor pedia a Tal-
bot que conversassem mais tarde.
Justamente naquelle momento,
bateram fortemente á porta e uma
voz bastante conhecida de Jus-
tina annuncia ao mordomo:

— Diga-lhe que sou o men-
sageiro de Wells Fargo...

Enthusiasmado e commovido
Mr. Pryor correu para a porta,
a receber o opportuno cavalleiro.

— Bravo! Não me falhariam
nesta dura emergencia...

Enlameado, cansado, porem
victorioso, Ramsay MacKay apre-
sentava ao seu destinatario os



saques que lhe haviam confiado em New York; deante da familia estupefacta, sem poder conter o seu entusiasmo, Justina premiou o denodado mensageiro com um beijo na face. Depois do seu arrebatado entusiasmo Justina correu para os seus aposentos, onde Mrs. Pryor recriminou-a rudemente, pelo seu procedimento com um extranho, deante de conhecidos. Para a moça, entretanto, Mackay não era um extranho, pois de ha muito verificára que o jovem não era um simples moço de frete, porem um denodado baluarte da novel empresa. Ficando a sós com Pryor, Ramsay recusou-se gentilmente a pernoitar na senhorial mansão, pois no dia seguinte teria que abrir o escriptorio de Wells em St. Louis.

Apezar das recriminações da progenitora, Justina não pode fugir ao desejo de ver novamente Ramsay e dar-lhe uma explicação sobre o seu procedimento. Deixando Mr. Pryor entregue ás suas cogitações, o mensageiro, ao sahir, já encontrou Justina que o esperava junto ao animal cansado em que fizera a viagem.

— Desejo dar-lhe uma explicação de como me portei...

— Uma explicação? — perguntou Ramsay, surpreso.

— Do meu cordial recebimento..

Ramsay extranhou os termos. Não, elle não havia notado nada de reprovavel no acolhimento da moça.

— Meu pae estava preocupado — continuou Justina — e quiz mostrar-lhe o meu agradecimento.

— Foi um serviço que prestei com todo o gosto — respondeu Ramsay, com modestia.

Este aproveitou-se então da oportunidade para lembrar á moça que no dia seguinte abria

um escriptorio na cidade; que assim, teriam oportunidade de passear juntos e mesmo Ramsay poderia mostrar que tambem sabia dirigir um bello carro, a passo lento, desde que o cavallo fosse sufficientemente velho e cansado para não correr.

— Não poderei aceitar — respondeu Justina.

— Ha um caminho sombreado, ahi á margem do rio — retrucou Ramsay — bonito e aprazivel...

Havia, entretanto, um serio obstaculo ás pretensões do jovem, cujo futuro não parecia muito risonho a todos quantos o conheciam. Mrs. Pryor, desde os primeiros instantes, não sym-



pathisára em absoluto com o mensageiro de Wells. Ramsay não teve outro remedio sinão despedir-se, congratulando-se consigo mesmo pelo zelo com que se desincumbira da missão de transportar os saques de Pryor.

— Boa noite, Mr. MacKay...
— Boa noite... Miss Justina ..

Apesar de recém-estabelecido em St. Louis, Ramsay não tardaria, comtudo, em metter braços a nova empreza. A chegada de

Mr. Wells á florescente cidade, onde o seu logar-tenente estava desenvolvendo notavel actividade, trouxe novos encargos e, com elles, uma ardua tarefa de que nenhum homem poderia ser incumbido, a não ser aquelle mesmo que tantas provas dera de enthusiasmo e bravura; e Wells sabia perfeitamente com quem poderia contar naquella emergencia. Ramsay foi receber o chefe a bordo.

— Seja bemvindo a St. Louis, Mr. Wells...

Wells não escondeu o prazer em ver o seu antigo auxiliar.

Logo de inicio declarou estar satisfeito com o trabalho desenvolvido.

— Vim por causa da situação mexicana. As coisas estão se complicando. Ha rumores de hostilidade mas, passado o effeito, haverá incremento na ida de colonos para a California, como se deu na colonisação do Oregon. A California precisará de novas estradas de communicação. Quero mandar alguém para lá, afim de preparar o terreno para o serviço directo de fretes...

— Não seria arriscar muito?—
adeantou Ramsay.

— Fargo diz isso. Táxa de loucura a empreza — retrucou Wells, com convicção — Talvez eu esteja louco, mas tenho um presentimento de que cidades novas vão surgir ali, como por encanto. Compreende, Ramsay?

Ramsay comprehendia perfeitamente qualquer insinuação de Wells. Assim tinha acontecido, no inicio do correio para Buffalo e para St. Louis. Foi bem simples a sua resposta:

— Quando devo partir?

(Continúa no proximo numero)

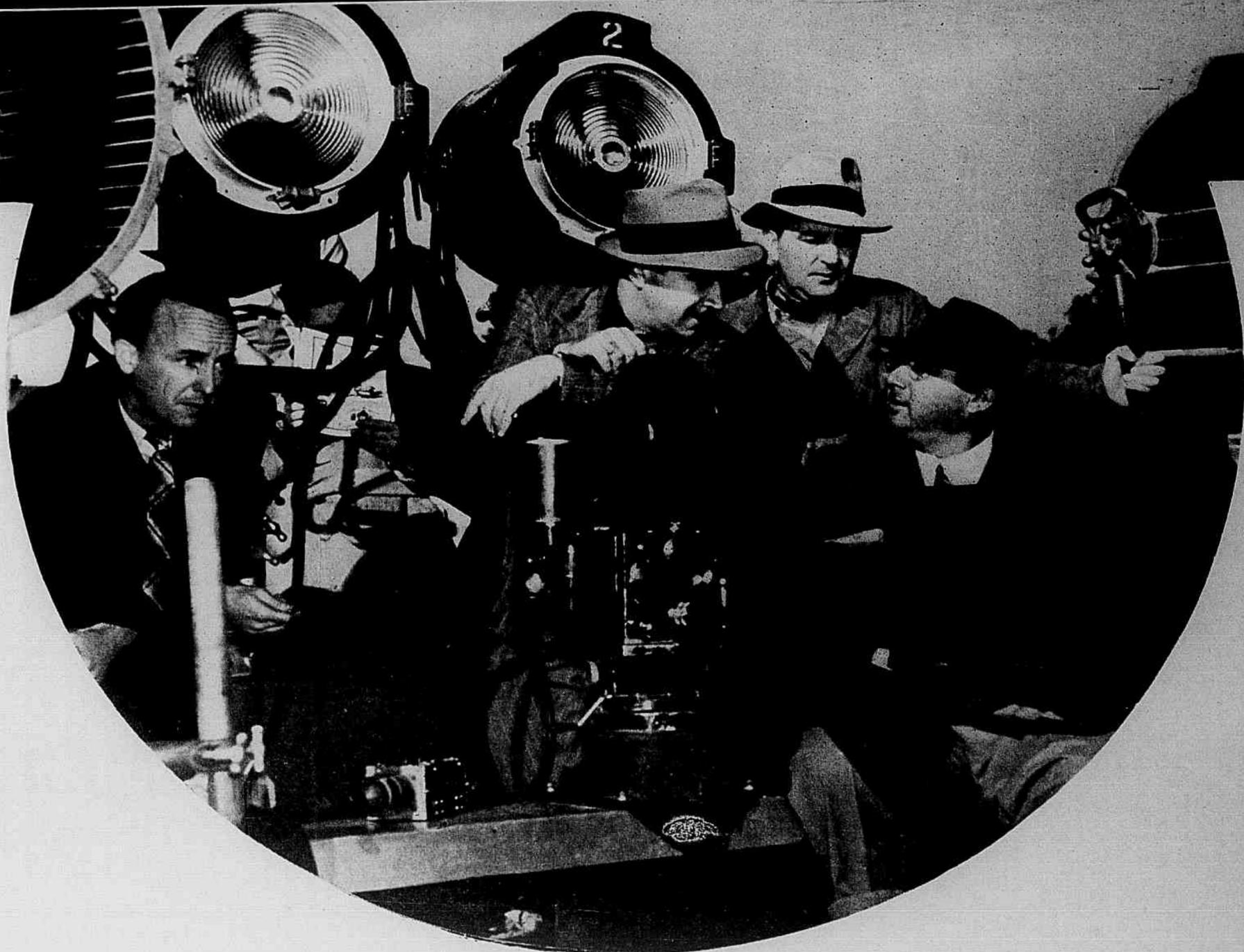




CESAR-ROMERO



Herbert Marshal, compositor, ouve extasiado, a *mignon* Deanna Durbin, em « Louca por musica », da Nova Universal. Como se sabe, em seu terceiro filme, Deanna faz o papel de uma menina internada em um collegio da Suissa, cuja mãe, famosa estrella de cinema, não encontra tempo para visitar a filha. Sentindo necessidade, porem, de acompanhar as collegas em uma festa collegial em que todas estavam em companhia dos paes, Deanna aponta o recémchegado e surpreso Herbert Marshall como o seu pae. Deliciado, o compositor que viajava em busca de distrações accete a situação, e, ao mesmo tempo, concorre para o aperfeiçoamento da arte vocal de Deanna. « Louca por Musica » foi dirigido por Norman Taurog, o afamado director, que apparece em baixo, em um intervalo da filmagem, cercado pela equipagem *technical* da Nova Universal.





Durante a vigência da Lei Secca, Remy Marko representava uma potência financeira de grande destaque. Seus homens *vendiam* cerveja com argumentos poderosos e barulhentos, quando elle, com os seus logares-tenentes, haviam expulso Little Dutch de New York, cuja população passou logo em seguida a beber a infame cerveja fabricada por Marko. Vivendo no fausto, Remy cercou a sua familia de todo o conforto, presenteando a esposa com casas, residencias de campo, e um diamante capaz de illuminar um aeroporto. Mary, a filha do casal, foi mandada estudar no collegio mais caro da Europa, enquanto que elle e os seus asseclas gastavam á larga o dinheiro roubado aos infelizes negociantes.

Aggra, entretanto, tudo estava mudado. Cahira a *Prohibition Law* e Remy Marko via-se a braços com enormes despesas e uma cervejaria condemnada a continuar o fornecimento empreendido annos antes. Acompanhando o movimento geral, Marko não teve outro remedio se não tornar-se repentinamente honesto. Como porem, obrigar a ingressar subitamente no caminho do bem aquelles homens habitua-dos mais a empunhar uma metralhadora, do que mesmo percorrer salões em busca de outras distracções? Mesmo assim, a palavra de Marko ainda era bastante persuasiva para elles e, assim, todos accorreram ao convite feito, para uma reunião, durante a qual o ex-bandido intimou todos os companheiros a deporem as suas inseparaveis pistolas.

— Vamos agora ser negociantes. Teremos a mesma cervejaria, e venderemos a mesma cerveja... apenas com uma pequena differença nos methodos de venda. Joguem fora esta artilheria e abandonem estas roupas infames, embora protegidas contra os tiros de Little Dutch. Joguem isto ao rio...

— Ao rio? — perguntou Lefty, surpreso. Isto vale muito. Podemos vendel-as, chefe...

— Eu, não — respondeu Marko, em tom que não exigia resposta. Agora sou um homem honesto, tenho uma empreza

UM SIMPLES

Filme da Warner Brothers, dirigido por Lloyd Bacon.

★

honesto, trabalhada em bases honestas. E isto agora vae parecer outra coisa. Vocês, de hoje em diante, passarão a tomar banho todo o dia, fazer a barba, e andar com uma camisa por semana... E, tomem nota de que continuo prompto para qualquer emergencia...

Feitas as necessarias recommendações ao pessoal, Remy Marko sahiu da sala, em cuja porta, sobre o vidro fosco, lia-se:

CERVEJARIA GOLD VELVET

Bebam cerveja Gold Velvet

Infelizmente, os fados não permittiram que a Cervejaria Gold Velvet chegasse a conquistar o papel preponderante do seu proprietario, nos velhos e saudosos tempos da Lei Secca. Grandes quantias invertidas em propaganda, installações luxuosas, presentes aos mais eminentes bebedores, nada disso serviu para vender uma caixa que fosse, de cerveja. Nos velhos tempos, os homens, commandados por Lefty, Giuseppe e outros, *vendiam*, é bem verdade, enormes stock de cerveja, contando, porem, com elementos *persuasivos* em demasia, e mesmo, de vez em quando, alguns exemplos. Agora, eram simples vendedores que não contavam sinão com uma *réles* cerveja para vender. Ninguém, entre os bebedores, queria tomar um gole sequer da cerveja Gold Velvet e os rapazes não tinham coragem de confessar o motivo ao chefe. Havia, pensava Lefty, outras maneiras de commetter suicidio...

Insensivelmente, Remy foi perdendo o seu prestigio e vendendo o pouco que lhe restava, para fazer face ás enormes despesas que tinha com a sua representa-

ção. Assim, perderam-se na voragem o seu bello hiate, a casa de campo, automoveis e, agora, os bancos recusavam-se a novos emprestimos. Post e Ritter, os directores do Banco já procuravam Marko com mais assiduidade, pois, no dia seguinte devia vencer-se uma letra de duzentos mil dollares. Com a sua habitual fleugma, Marko expoz a situação da cervejaria. Aquillo não queria dizer nada, pois a cerveja era boa: faltava apenas tempo para demonstral-o ao paiz...

— A letra vence-se amanhã, Marko. Nós não somos os proprietarios do Banco...

Post, a convite de Marko, provou um gole da cerveja e jurou a si proprio que jamais commetteria engano igual.

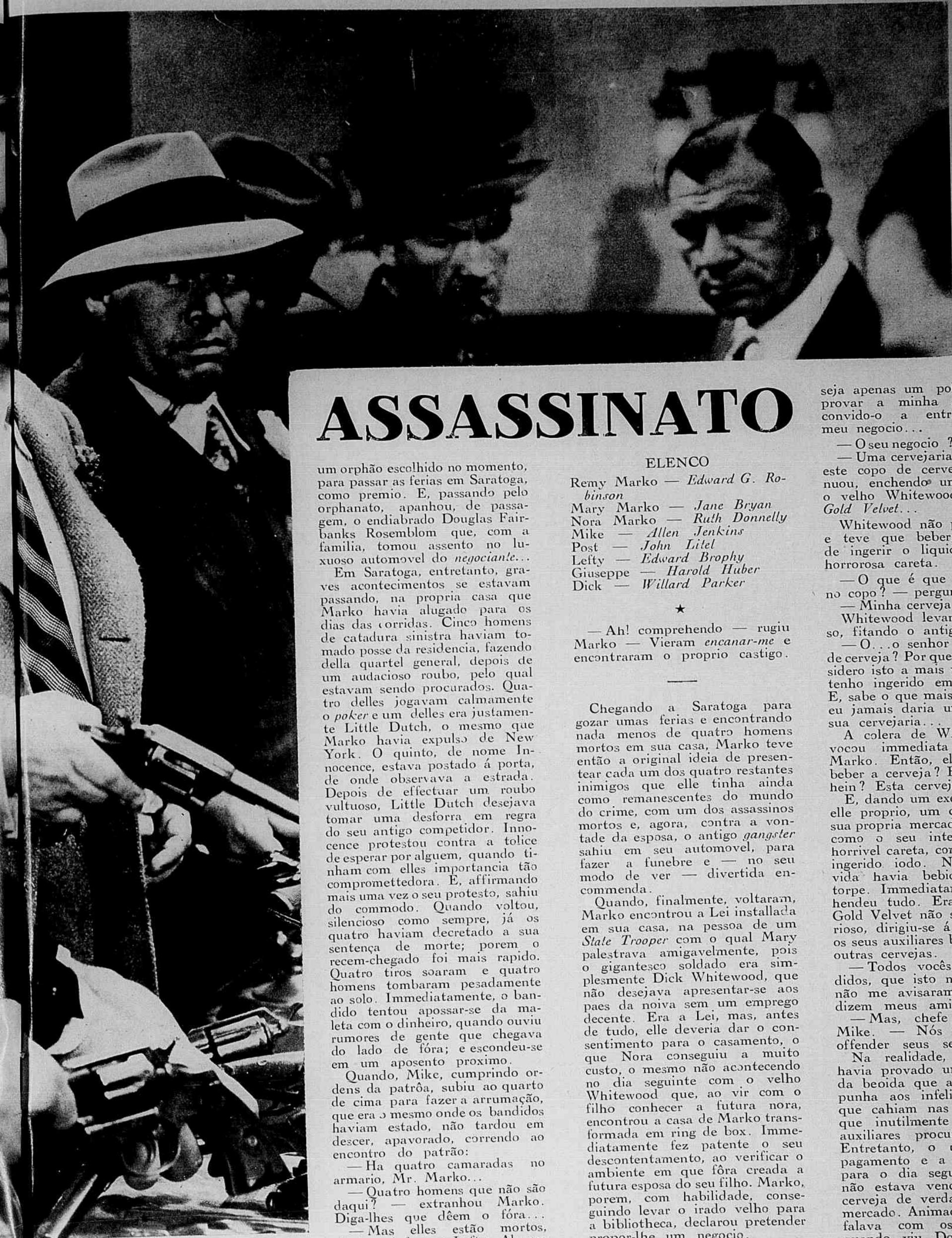
— Pois eu necessito de mais uma prorogação — affirmou Marko, com lentidão. Como sabem, amanhã vou a Saratoga, ás corridas, e tenho enormes esperanças em dois animaes que tenho lá. Porque não veem commigo? Vocês não estão a pensar que eu lhes negarei pagamento, hein? A minha letra não chega nem a meio milhão...

— Mas vence-se amanhã...

— Porque não veem commigo, então? Serão meus hospedes, em minha casa. Eu e minha mulher iremos e, connosco, a minha filha, que chega hoje da Europa.

Os banqueiros, finalmente, concordaram. Não dizia respeito ao Banco, mas prometteram ir encontrar Marko em Saratoga.

Chegando da Europa, Mary Marko trouxe para a mãe muitos presentes... e uma enorme surpresa: estava noiva, de Dick Whitewood, um rapagão bem apresentado, porem, pertencente a uma familia aristocratica. Prevendo a explosão de Marko, se viesse a saber do noivado, Nora Marko nada disse ao esposo, esperando que os acontecimentos explicassem tudo. Antes, porem, de partir para o famoso prado de corridas, Marko foi cumprir uma promessa que fizera annos antes e que vinha observando á risca ha muito tempo: levar



ASSASSINATO

um orphão escolhido no momento, para passar as férias em Saratoga, como premio. E, passando pelo orphanato, apanhou, de passagem, o endiabrado Douglas Fairbanks Roseblom que, com a família, tomou assento no luxuoso automóvel do negociante...

Em Saratoga, entretanto, graves acontecimentos se estavam passando, na propria casa que Marko havia alugado para os dias das corridas. Cinco homens de catadura sinistra haviam tomado posse da residencia, fazendo della quartel general, depois de um audacioso roubo, pelo qual estavam sendo procurados. Quatro delles jogavam calmamente o *poker* e um delles era justamente Little Dutch, o mesmo que Marko havia expulso de New York. O quinto, de nome Innocence, estava postado á porta, de onde observava a estrada. Depois de effectuar um roubo vultuoso, Little Dutch desejava tomar uma desforra em regra do seu antigo competidor. Innocence protestou contra a tolice de esperar por alguém, quando tinham com elles importancia tão comprometedora. E, afirmando mais uma vez o seu protesto, sahiu do commodo. Quando voltou, silencioso como sempre, já os quatro haviam decretado a sua sentença de morte; porem o recém-chegado foi mais rapido. Quatro tiros soaram e quatro homens tombaram pesadamente ao solo. Immediatamente, o bandido tentou apossar-se da mala com o dinheiro, quando ouviu rumores de gente que chegava do lado de fóra; e escondeu-se em um aposento proximo.

Quando, Mike, cumprindo ordens da patrão, subiu ao quarto de cima para fazer a arrumação, que era o mesmo onde os bandidos haviam estado, não tardou em descer, apavorado, correndo ao encontro do patrão:

— Ha quatro camaradas no armario, Mr. Marko...

— Quatro homens que não são daqui? — extranhou Marko. Diga-lhes que dêem o fóra...

— Mas elles estão mortos, chefe — informou Lefty. Alguém chumbeou-os... E sabe quem são elles, chefe? Simplesmente o Little Dutch e quatro *collegas*...

ELENCO

Remy Marko — *Edward G. Robinson*

Mary Marko — *Jane Bryan*

Nora Marko — *Ruth Donnelly*

Mike — *Allen Jenkins*

Post — *John Lilel*

Lefty — *Edward Brophy*

Giuseppe — *Harold Huber*

Dick — *Willard Parker*

★

— Ah! compreendo — rugiu Marko — Vieram encanar-me e encontraram o proprio castigo.

—

Chegando a Saratoga para gozar umas férias e encontrando nada menos de quatro homens mortos em sua casa, Marko teve então a original ideia de presentear cada um dos quatro restantes inimigos que elle tinha ainda como remanescentes do mundo do crime, com um dos assassinos mortos e, agora, contra a vontade da esposa, o antigo *gangster* sahiu em seu automóvel, para fazer a funebre e — no seu modo de ver — divertida *commendam*.

Quando, finalmente, voltaram, Marko encontrou a Lei installada em sua casa, na pessoa de um *State Trooper* com o qual Mary palestrava amigavelmente, pois o gigantesco soldado era simplesmente Dick Whitewood, que não desejava apresentar-se aos paes da noiva sem um emprego decente. Era a Lei, mas, antes de tudo, elle deveria dar o consentimento para o casamento, o que Nora conseguiu a muito custo, o mesmo não acontecendo no dia seguinte com o velho Whitewood que, ao vir com o filho conhecer a futura nora, encontrou a casa de Marko transformada em ring de box. Immediatamente fez patente o seu descontentamento, ao verificar o ambiente em que fóra creada a futura esposa do seu filho. Marko, porem, com habilidade, conseguindo levar o irado velho para a bibliotheca, declarou pretender propor-lhe um negocio.

— Eu decidi, Mr. Whitewood, permittir que a minha filha seja esposa do seu filho, embora elle

seja apenas um policial e, para provar a minha generosidade, convido-o a entrar para o meu negocio...

— O seu negocio? Qual é elle?

— Uma cervejaria. Veja. Tome este copo de cerveja — continuou, enchendo um copo para o velho Whitewood. Beba. E' *Gold Velvet*...

Whitewood não podia escapar e teve que beber, terminando de ingerir o liquido com uma horrorosa careta.

— O que é que o senhor poz no copo? — perguntou, irritado.

— Minha cerveja. Por que?

Whitewood levantou-se, furioso, fitando o antigo *gangster*.

— O... o senhor chama a isto de cerveja? Por que? Porque considero isto a mais vil bebida que tenho ingerido em minha vida. E, sabe o que mais, Mr. Marko, eu jamais daria um nickel pela sua cervejaria...

A colera de Whitewood provocou immediata reacção em Marko. Então, elle não queria beber a cerveja? Ella era pôdre, hein? Esta cerveja...

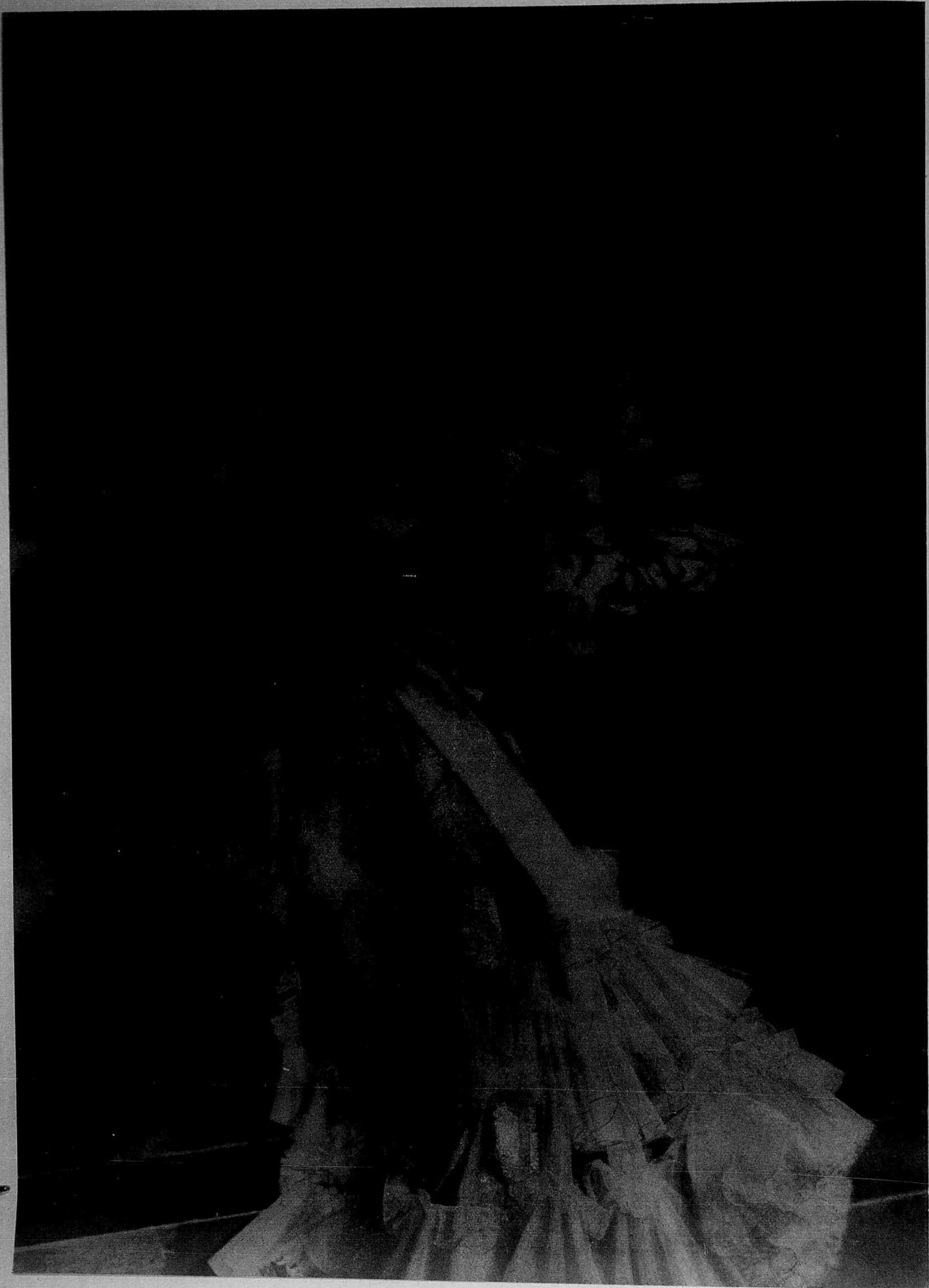
E, dando um exemplo, ingeriu, elle proprio, um copo duplo da sua propria mercadoria e fazendo, como o seu interlocutor, uma horrivel careta, como se houvesse ingerido iodo. Nunca em sua vida havia bebido cousa tão torpe. Immediatamente compreendeu tudo. Era por isto que *Gold Velvet* não se vendia. Furioso, dirigiu-se á cozinha, onde os seus auxiliares bebericavam... outras cervejas.

— Todos vocês sabiam, bandidos, que isto não prestava; e não me avisaram. E ainda se dizem meus amigos, hein?

— Mas, chefe — respondeu Mike. — Nós não queriamos offender seus sentimentos...

Na realidade, Marko nunca havia provado uma unica gotta da beoida que antigamente impunha aos infelizes negociantes que cahiam nas suas garras e que inutilmente agora os seus auxiliares procuravam vender. Entretanto, o banco exigia o pagamento e a *hypotheca* era para o dia seguinte. Mas elle não estava vencido. Fabricaria cerveja de verdade, entraria no mercado. Animado pela sua ideia, falava com os companheiros, quando viu Douglas encostado no refrigerador:

(Continúa na pagina 27)



UM SIMPLES ASSASSINATO

(Continuação da pagina 25)

— Que é isto que Douglas tem nos bolsos? Dinheiro?

Era dinheiro, sim. O dinheiro escondido por Innocence e, sem perder tempo, Marko e os bandidos subiram ao andar superior, onde encontraram a maleta rou-lada.

— Vamos devolver este di-nheiro, porem elle vae ser meu somente por uma noite...

E, pondo em pratica a ideia, mandou chamar immediatamente os dois banqueiros que já haviam chegado a Sa-ratoga. Ao che-garem, á simples vista de Marko, contando calma-mente maços e maços de notas, Post e Ritter declararam que, na verdade, não estavam exigindo pagamento, e que dariam com muito gosto uma prorrogação do vencimento. Depois da sahida dos banqueiros, Lefty entrou, offegante, procuran-do dizer alguma coisa:

— Chefe, aquelles *caras* mor-tos... Nós os trouxemos de novo. Lemos nos jornaes que estão dando uma enorme re-compensa pelos cadáveres...

Decididamente, Marko estava de muita sorte, pois, ao mesmo tempo, o dinheiro apparecia em suas mãos, por intermedio de quatro homens encontrados mor-tos em seu leito. Douglas era a sua mascotte, e elle resolveu adoptar immediatamente o or-phão. E, mais ainda, concordar com o casamento de Mary com Dick, a quem deu uma chance, dando a entender que elle havia prendido os bandidos. E, sa-tisfeito, voltou em seguida á sua vida de homem honesto, — tornado novamente um bandido durante uma noite, — á sua nora, e á sua cervejaria...

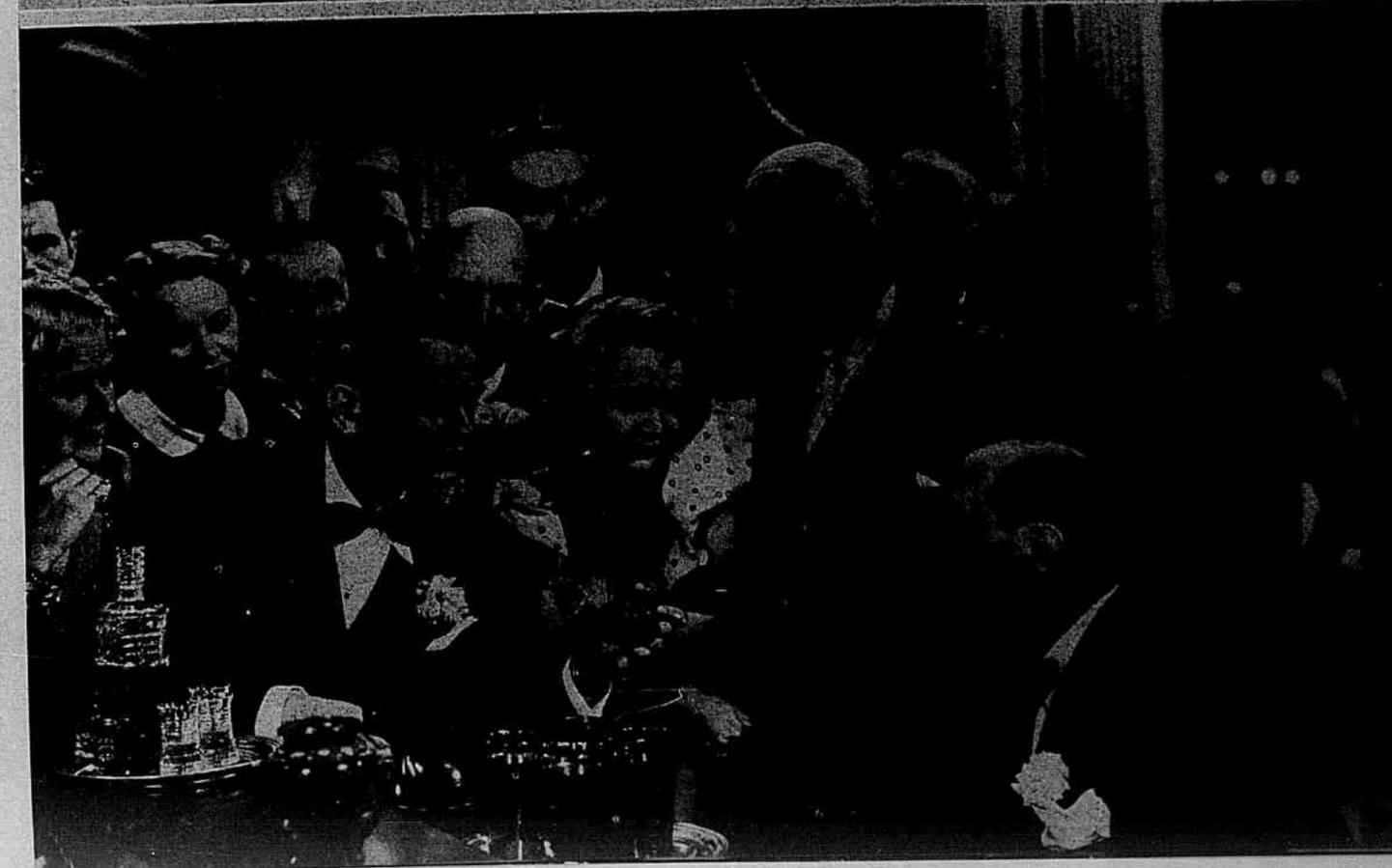
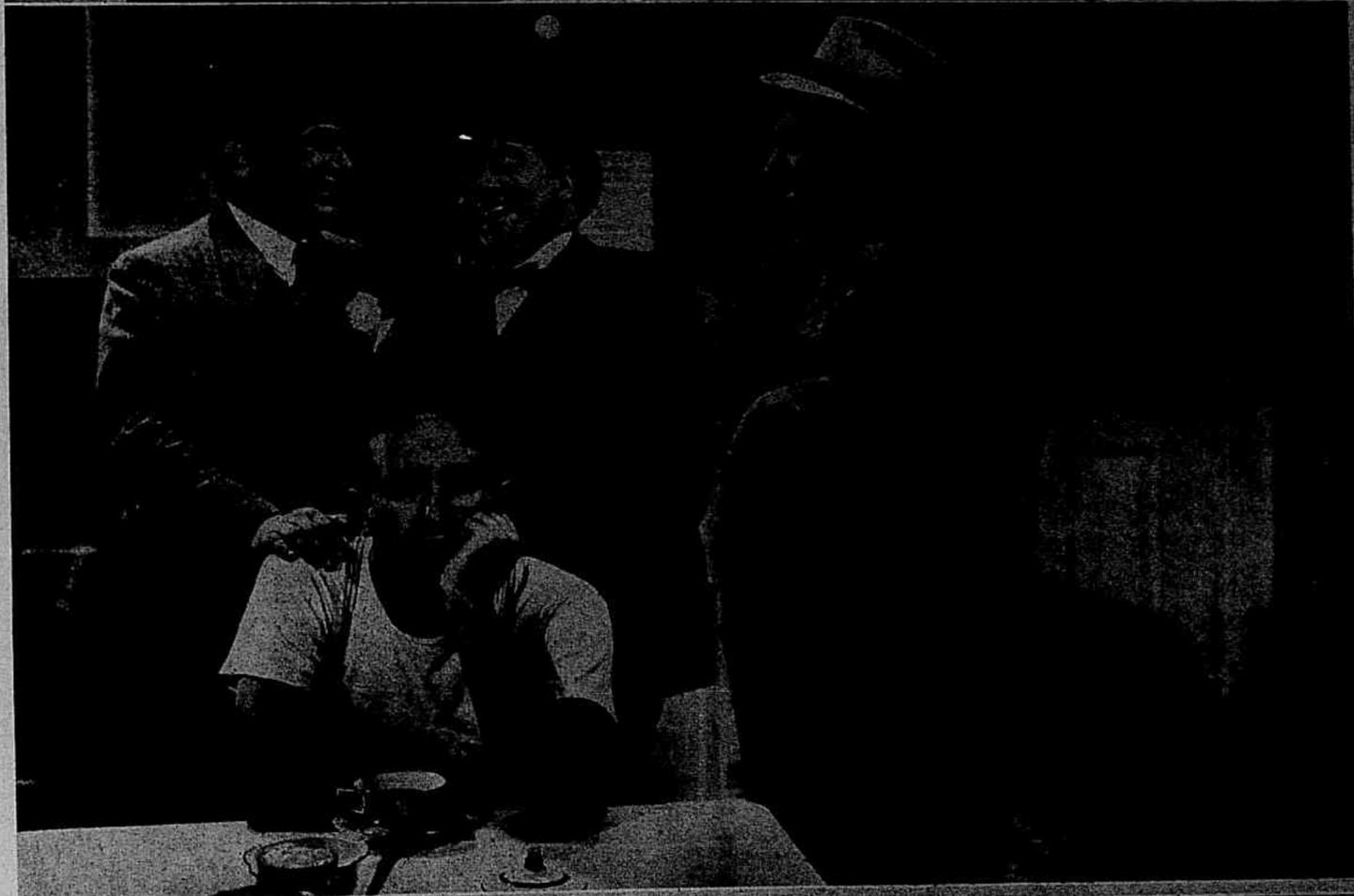
— F I M —

"Hands Across the Border", uma historia que trata da amis-tosa rivalidade entre a Academia Militar de West Point dos Es-tados Unidos e a Escola Militar Real de Ontario, Canadá, será produzida pela Metro-Goldwyn-Mayer em technicolor, com Ro-bert Taylor como protagonista. O film foi suggerido por Louis B. Mayer, vice-presidente en-carregado da produção nos stu-dios da Metro, que nasceu no Canadá. O film apresenta excel-lentes partidas de hockey entre as duas academias. Sam Zimbalist será o productor do novo film.

Remy Marko ti-nha ideias extra-vagantes, como aquella de fazer cantar pelo tele-phone uma valsa completa.

Eu não gosto de policiaes em mi-nha casa...

Micke estava fu-rioso porque nun-ca se divertia...



ELLA MERECE MUSICA



(SHE SHALL HAVE MUSIC)

Film distribuido pelo BROADWAY
PROGRAMMA, com o seguinte

ELENCO

Jack Hylton — *Jack Hylton*
Dorothy Drew — *June Clyde*
Mrs. Marlow — *Marjorie Brooks*
Miss Peachum — *Gwen Farrar*
Brian Gates — *Brian Lawrence*
Frederick Gates — *Edmund Breon*

Aqui, um homem serio... alli, uma mulher absorta... acolá, um caszinho unido... Quem estava, afinal, enebriando o ar com aquella musica romantica, toda a plateia do imponente teatro? Quem, afinal? Um só homem seria capaz daquillo e esse homem era Jack Hylton, que regia a sua formidavel orchestra. Quando terminou, a plateia ficou por um momento em silencio, como que acordando do sonho, para depois recrudescer em palmas que nunca mais acabavam!

Hylton, com a sua fleugma habitual, levantou as mãos e agradeceu, emocionado:

— Obrigado, senhores... Obrigado, senhoras...

Fez uma pequena pausa e continuou:

— Comunico-vos que me ausentarei por algum tempo dos palcos de Londres... uns seis mezes, talvez... pois partirei num cruzeiro ao redor do mundo. Entretanto, continuarão a ouvir-me em suas proprias casas, pelo radio... Bem, adeus...

Emquanto Hylton assim se despedia, numa luxuosa residencia de propriedade de Mr. Frederick Gates, millionario famoso e director de um "trust" de navegação, se realizava um regio banquete. As ultimas palavras de Jack Hylton foram ouvidas com attenção pelos presentes, atravez o radio, findo o que Mr. Gates levantou-se e pediu a palavra:

— Amigos, tenho uma deliciosa surpresa para todos!... O nosso cruzeiro ao redor do mundo será animado com a presença do famoso Jack Hylton!

Todos applaudiram a excellente ideia de Mr. Gates e aguardaram a continuação das palavras do millionario:

— Mandei installar no meu "yacht" um poderoso aparelho de radio-transmissão. Desse modo, Mr. Hylton poderá transmittir

as suas melodias para todo o mundo, de bordo do "Kathleen"!

Emquanto isso, um tal John, director de um igual "trust" de navegação e por conseguinte rival de Mr. Gates, combinava com um individuo suspeito um plano para prejudicar o dono do "Kathleen".

— Bem sei que Frederick Gates contractou Jack Hylton para fazer maior publicidade de sua companhia. Preciso impedir que essa viagem tenha successo! Poderá você me conseguir isso?

— Exactamente, John...

— Bem, então faça-o e será bem pago, mas nada de violencias.

— Compreendo tudo, mas... não poderá dar-me um "adiantamentozinho"?

— De certo...

Jack estava completamente ebrio de alegria. Conseguira um formidavel contracto com o millionario Gates, para irradiar de bordo do seu "yacht"; alem disso, entrara em negociações com um empresario, afim de possuir o seu proprio teatro; os seus companheiros eram todos amigos inseparaveis e serios e, para maior fortuna, conseguira "descobrir" uma linda cantora americana, sem experiencia no palco, mas que possuia talento. Era ella Dorothy Drew, que estava obtendo successo com a sua orchestra em todas as representações.

Por sua parte, os componentes da orchestra de Jack Hylton tambem estavam contentes. Aquella viagem significava para elles um bello passeio e boa vida, muito melhorada com a chegada das pequenas do corpo de bailados, que haviam sido contractadas numa agencia dirigida por Miss Peachum, uma solteirona antiquada, sem attractivos e espalhafatosa.

Eddie, entretanto, era o atormentador da vida de Jack Hylton. Fazia questão de acompanhar o famoso maestro, procurando ser util em qualquer coisa mas, infelizmente, só atrapalhava. Agora, estava diante de Hylton, com um relógio pulseira, dizendo com convicção:

— Mas, Mr. Hylton, eu affirmo que isto é uma maravilha! Imagine um simples relógio pulseira, com aparelho de radio-televisão!

— Yeah? Pois guarde-o, que a mim não interessa...

E com isto Jack deu por terminada a conversa, pois precisava afinar o pessoal para tocar, á noite, alli mesmo á bordo do "yacht".

Mr. Gates, entretanto, não se encontrava perfeitamente satisfeito. Tudo transcorria muito bem mas o seu filho, pela simples razão de não apreciar o "jazz", recusara-se embarcar no navio. Encontrava-se elle em Paris, estudando arte e a unica musica com que se deliciava era a classica. Wagner, Beethoven, Mozart, e muitos outros musicos famosos eram, para elle, tudo que existia de bom. Gates, porem, não estaria satisfeito emquanto o seu filho não embarcasse e até elles chegarem á França, teria tempo para encontrar um bom plano para attrahir o rapaz á bordo.

Depois de partirem da Inglaterra, Mr. Gates e Mrs. Marlow conceberam uma idéa que qualificaram de optima. Era um plano infallivel e simples, ao qual Brian não resistiria, assim como todo e qualquer homem. A arma que elles iam usar era a linda Miss Drew, que fatalmente faria o rapaz abandonar o classissismo...

Chamada á parte e informada de tudo, Dorothy concordou alegremente em ser a catechisadora de Brian Gates.

Paris, finalmente, foi alcançada por Jack Hylton e seus acompanhantes. A Opera esperava-o, assim como todos os parisienses que ansiavam por vê-lo e ouvi-lo.

Mr. Gates, logo que encontrou o seu filho, a primeira coisa que fez foi apresental-o a Dorothy. Foi um encontro delicioso para Brian, mesmo porque Miss Drew, sabendo que o rapaz apreciava musica classica, confiou-se admiradora de Liszt, Schubert, etc., occultando ser a cantora da orchestra de Jack Hylton.

Na mesma noite em que Hylton estreava na Opera de Paris, Brian encontrou-se com Dorothy e falou:

— Dorothy, vim comunicar-te que seguirei viagem no "Kathleen" para continuar ao teu lado.

— Oh! Quanto me alegre... Não vens ao Theatro da Opera ouvir Jack Hylton? — perguntou ella.

— Não; isto é, não posso ir... tenho muito que fazer...

— Ahn...

— ...mas se não te importa — continuou elle — irei buscarte, depois do concerto, para ceirmos juntos.

Esplendida idéa! — exclamou Dorothy.

Brian se encontrava tão alegre que, para commemorar o facto, resolveu ir ao concerto de Jack. Aquillo seria, para elle, um sacrificio, mas tencionava encontrar-se com Dorothy e o concerto, assim, passaria despercebido. No camarote, entretanto, só encontrou Mr. Gates, seu pae e Mrs. Marlow. Não se surpreendeu por isso mas, quando ia mais animado o espectáculo e os applausos se succediam, elle descobriu que Dorothy fazia parte da orchestra de Jack Hylton e, portanto, o enganára dizendo-se amante das musicas classicas. Desilludido, deixou o theatro no instante em que Dorothy cantava um fox allucinante e arrebatava a plateia. Para ella isso não passou despercebido, pois mal terminou o concerto, ordenou aos seus companheiros de banda que raptassem o jovem Brian Gates e o levassem para bordo.

Depois da França, o "yacht" parte para novas plagas. A ordem de Dorothy fora cumprida exactamente e, por conseguinte, Brian achava-se á bordo. Ella, si bem que não dissera a ninguém, começava a amar aquelle jovem exquesito. Entretanto, como o amor não fica escondido muito

tempo nos corações de dois jovens que se gostam interiormente, Brian e Dorothy, naquella mesma noite enlaurada e cheia de doçura, confessaram os seus sentimentos mutuos de amor. Desse instante em diante, o espirito classico de Brian desapareceu e elle fez questão, até, que Mr. Hylton o escutasse. Talvez que pudesse aproveitá-lo...

Tudo transcorria maravilhosamente. Nada, ainda, quebrara aquella alegria. Entretanto, desde o momento em que o agente de Mr. John, o rival de Mr. Gates, entrou em acção, toda a serenidade do navio viu-se ameaçada. Como a irradiação para todo o mundo ir-se-ia dar naquella noite, o tal agente combinou com a marujada mediante um bom pagamento, revoltarem-se e fazer o que elle ordenasse. Teriam, apenas, de dominar o capitão do "yacht" e os passageiros. Depois, então, quebrariam tudo e fugiriam...

Brian, entretanto, ouviu parte da conversa do tal homem com os marinheiros e, quando o mesmo deixou o camarote e se dirigiu para a sala do controle do som, de onde começavam a transmittir a irradiação, o jovem Gates seguiu-o de perto. Quando o mesmo tentou destruir a aparelhagem, Brian atracou-se a elle e tentou impedir que os intentos criminosos do homem se realizassem. Entretanto, um poderoso socco deitou-o ao chão, sem sentidos. Num instante, todos eram dominados pelos amotinados. Estes, para terminarem a sua sanha criminosa, quebraram todas as peças principaes do aparelho transmissor, interrompendo, assim, a importante transmissão radiophonica.

Acto continuo, os assalariados deixaram o "Kathleen" e passaram para um dos navios da companhia de John, abandonando ao destino, como uma simples casca de noz na immensidão do mar, o luxuoso "yacht" de Mr. Gates com os seus inexperientes passageiros.

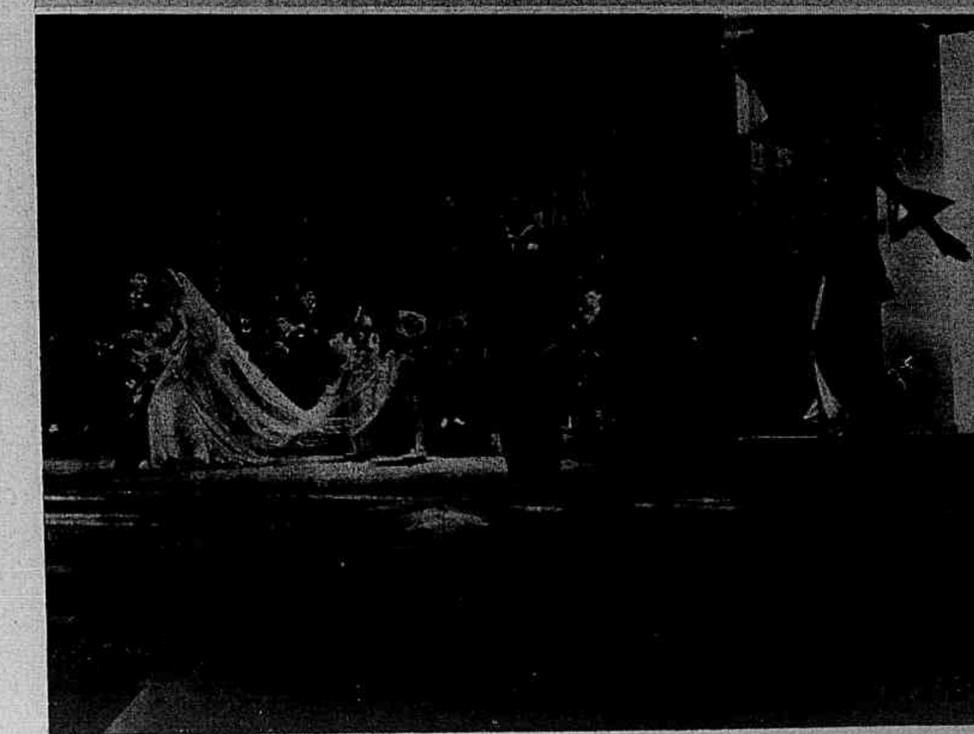
A situação era desesperadora. Não havia marinheiros e necessario foi formar uma nova tripulação. Quando tudo se tornava mais desesperante, Eddie salvou a situação. Enquanto contava os seus collarinhos, ouviu, distintamente, uma voz que chamava: "Eddie Felows! Eddie Felows!" Procurou por todos os lados a razão daquella voz, e, finalmente, descobriu que era o seu relógio-pulseira que estava trabalhando. Novamente, chamaram, dizendo: "Ligue para as 8.10. Ligue para as 8.10". Como um louco, sahiu correndo pelos compridos corredores do barco e chamou Mr. Hylton, para mostrar-lhe que o aparelho funcionava. Este o attendeu e perguntou:

— O que ha?

— O relógio funciona! Veja como estão fallando! Deixe-me ligar para as 8.10 e teremos a televisão!

De facto, collocados os ponteiros nos seus lugares, viram perfeitamente o inventor. Dahi, por intermedio de Jack Hylton, Mr. Gates e Eddie, sahiu uma longa conversação que resultou na salvação de todos.

Afinal, chegaram de volta á Inglaterra. Tudo estava resolvido. Jack Hylton, inauguraria o seu proprio theatro. Mr. Gates, conseguira uma enorme publicidade em torno do seu nome e da sua companhia e, portanto, estava satisfeito. Dorothy e Brian finalmente, casaram-se e passaram a trabalhar juntos para a orchestra do famoso Jack Hylton...





7 Moças Sabidas

ELENCO

Sally — *Alice Faye*
 Irene — *Joan Davis*
 Mary — *Marjorie Weaver*
 Tommy — *Tony Martin*
 Baron Zorka — *Gregory Ratoff*
 Jeff — *Jimmy Durante*
 Joyce — *Louise Hovick*
 Gabby — *Fred Allen*
 e o *Raymond Scott Quintett*

SALLY, é uma creatura lindíssima, porem, com o cerebro enriquecido por um espirito pratico, que lhe tem servido em muitas situações.

IRENE, embora de mais idade que a sua companheira, não pode fugir a um romantismo doentio, que procura typos de accordo com os devaneios em que vive.

MARY é a mais infantil, embora tenha penetrado cedo na vida, vendo-se na dura contingencia de lutar arduamente pelo sustento, exposta ás intemperies moraes que assaltam as moças.

Sally, Irene e Mary são uma trinca inseparavel de moças, que conhecem juntas os infortunios, para, tambem juntas, poderem gozar os poucos momentos de alegria que conseguem ter. São, alem disso, tres talentosas moças, que vivem na Broadway, á espera de contractos que nem sempre apparecem. No momento em que se inicia esta historia, as tres estão desoccupadas, isto é, fóra do ramo a que se dedicam, empregando a actividade, entretanto, no luxuoso Park Plaza Hotel, em New York.

Comtudo, as moças não abandonam a ideia de trabalharem, como sempre, como coristas de revistas; por este motivo, mantêm-se em constante contacto com um *manager*, Gabby Green, que as vinha enganando com promessas de grandes iniciativas, que nunca eram levadas a effeito.

**SALLY,
 IRENE
 E
 MARY**

Film da 20th.
 Century Fox, dirigido por William A. Seiter.

Realmente, ou com segundas intenções, Gabby promette a Sally fazer della uma verdadeira estrella de Hollywood, enquanto que garante a Irene que ella seria um dia uma grande sensação no radio e, finalmente, diz a Mary que ella viria ainda a ser uma estrella de primeira grandeza em uma grande revista na Broadway.

Com taes promessas, é de prever que as moças continuassem vivendo de risonhas esperanças, traalhando arduamente nos tres logares de *manicure* do Plaza os unicos empregos, aliás, que o relacionado Gabby conseguira encontrar para ellas. As moças procuram levar a vida da melhor maneira possivel, alimentando as esperanças da freguezia com olhares promettedores. Outro, porem, é o divertimento predilecto dellas, porque, bem á vista do salão de manicure do Park Plaza Hotel, existe um *cabaret*, onde se exhibe constantemente o famoso *quintetto* Raymond Scott, e, quando não havia freguezes, as tres moças aproveitavam-se das melodias tocadas pelos celebres musicos, para exercitarem as suas qualidades artisticas. As tres moças e o famoso *quintetto*, attrahem as atenções de um rico millionario, o Baron Zorka, que apaixonou-se immediatamente por Sally e, tão encantado fica por ella, que obtem que a jovem *manicure* cante especialmente para elle, acompanhada pelo *Quintetto* Raymond Scott. Até então nada teria acontecido de anormal, si o imprestavel Gabby, passando por acaso pelas proximidades do salão do hotel, não houvesse visto a sua pupila exhibindo-se para um extranho, contra as regras do contracto estabelecido por elle. Gabby, entrando pomposamente no recinto, declara que Sally estava sob a sua orientação e, assim, qualquer exhibição que fosse feita sem a sua ordem, devia ser immediatamente paga.

Furioso com o intruso, o Barão investe contra elle, mantendo tremenda discussão, do que resulta grande balburdia, pois o millionario, certo da efficiencia dos seus milhões, quebra tudo que encontra á mão, terminando por ir



parar á policia, não sem jurar, antes disso, devoção eterna por Sally; logo depois da prisão do magnata, o proprietario do salão de *manicure* achou conveniente despedir as moças, visto serem ellas um elemento de desordem, com os seus encantos.

✽

Cumpra agora a Gabby conseguir novo emprego para a bella trindade; desta vez, o agente consegue sahir-se aiosamente, arranjando para ellas um emprego de vendedoras de cigarros em um estabelecimento de Greenwich Village, intitulado *The Covered Wagon*. Embora Gabby lhes tivesse dito que iriam tomar parte em uma pequena revista musical, não tardaram a perceber que iam ser apenas vendedoras de cigarros e chapeleiras. Para Sally, entretanto, a tarefa não era tão ardua, visto que sympathisára solemnemente com Tommy Randall, o *crooner* do pequeno club. Tommy não tarda em travar relações com a loura *vendeuse* nascendo entre os dois jovens um romance de amor. Não era somente Sally a unica interessada no amavel cantor, pois uma frequentadora da casa, Joyce, tinha tambem as suas intenções a respeito de Randall. Alem disso, Joyce era bastante rica, podendo, portanto, compensar com o conforto a sympathia que lhe faltava. Rica bonita, vaidosa, Joyce não perderia facilmente uma oportunidade de satisfazer um dos seus caprichos; e o astuto Gabby comprehende perfeitamente a situação; assim pensando, induz com habilidade Joyce a inverter dinheiro em uma revista produzida por elle, que daria a Tommy Randall uma oportunidade, impedindo-o assim de voltar, como pretendia, para a sua cidade natal, no Kansas.

A ideia de Gabby é bem recebida pela millionaria. Pondo mãos á obra, Gabby consegue finalmente logares de destaque para Sally, Irene e Mary. Principiam os ensaios da nova revista, com todos os seus componentes ignorando quem seria o verdadeiro capitalista que estava garantindo a empreza. Durante os ensaios, Tommy e a moça sen-

tem-se cada vez mais attrahidos um para o outro, enquanto que Joyce e Sally discordam continuamente creando um ambiente de antipathia entre as duas; quando, finalmente, a primeira descobre a verdadeira inclinação do seu apaixonado, explode, retirando todo o apoio á iniciativa, da qual Tommy tambem retira-se por sua vez, ao saber que Joyce era o capitalista. Morrera no nascedouro a nova revista; e Sally, Irene e Mary e mais ainda o atilado

manager, estavam mais uma vez no matto sem cachorro...

✽

Gabby, com os moveis de seu escriptorio, é posto no meio da rua; sentado melancolicamente na beira da calçada, o *manager* vem a fazer amizade com um varredor de rua, o barulhento Jeff, que, entusiasmado com as ideias do agente theatral, consegue arranjar duzentos dollares, com os quaes faz uma sociedade com o novo amigo, voltando



assim a occupar novamente o escriptorio, onde os vem descobrir o barão Zorka, que declara continuar em perseguição da loura Sally. Novamente Gabby vê uma sahida para as suas aperturas e propõe a Zorka o lançamento de uma sensacional revista, para a qual elle, Zorka, entraria com vinte e cinco mil dollares.

Effectivamente, o barão Zorka, barulhento e brigão, ficára vivamente impressionado pela graça de Sally; e declara fazer tudo para dar uma oportunidade á moça; immediatamente, enche um cheque na importancia pedida por Gabby. Sally, porem, ao saber da combinação, fica furiosa e rasga o cheque immediatamente; sahe para a rua, perseguida pelo nobre apaixonado, que a segue, declarando-lhe amor em altas vozes, attrahindo a atenção de todo o mundo. Decididamente, as oportunidades se apresentavam com a mesma facilidade com que desappareciam, e parecia escripto que jámais Gabby produziria alguma cousa em materia de theatro.

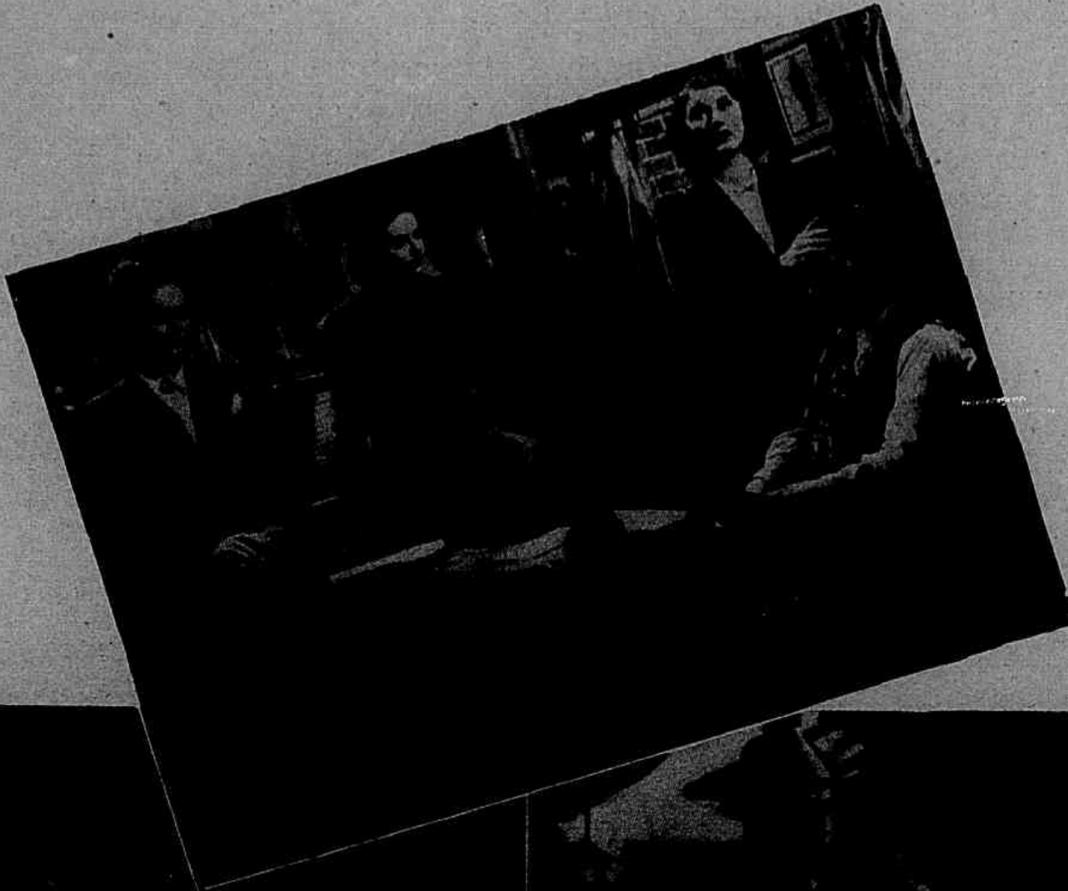
✽

Estamos agora no escriptorio de Jeff, o barulhento varredor, e Gabby, o *manager* de Sally, Irene e Mary. Os dois socios abrem a correspondencia chegada, na qual vem uma carta para Mary, até então completamente fóra de cogitação; com enorme surpresa, descobrem que a moça acabara de herdar nada menos do que um... navio, pertencente á Neptune Steamship Company, o archaico *General Fremont*. Immediatamente levam a noticia ao conhecimento das moças; e todos, em alvoroço, dirigem-se ao caes para apreciar a herança de Mary.

O *General Fremont*, entretanto, não se havia afastado do caes desde 1902, e, consequentemente, as suas machinas não trabalhavam desde aquella data. O barulhento Jeff, porem, sente-se com poderosas inclinações para a navegação e concebe a ideia de pol-o a navegar; logo depois, Gabby, sempre procurando preocupações, resolve aproveitar a oportunidade para crear uma sensação, nova para os newyorquinos, fazendo do velho

navio um interessante *cabaret*. Apenas, como sempre, a falta de dinheiro é o unico obstaculo para a realização do novo sonho. Penalizada com a boa vontade do seu amigo, Sally resolve aceitar a proposta de casamento do barão, para dar uma oportunidade a Tommy e este, per sua vez, desejando ver Sally na posição que merece no teatro, concorda em fazer a cõrte á bella e rica Joyce, na supposição de que ella tambem dê o seu apoio á revista.

Desta maneira, tendo, tanto Tommy como Sally, guardado absoluto segredo dos planos que



facilmente com os infortunios de cada um, terminando, assim, a accidentada carreira de Sally, Irene e Mary, as tres moças mais sabidas da Broadway...

JORNAL DOS STUDIOS

Hollywood, Junho de 1938: — Cidade ideal para os opportunistas que nada têm a fazer nem a perder, Hollywood vem a sã actualmente a *Meca dos Aventureiros*, expressão que já não é nova mas é justa. Vê-se chegar constantemente de todas as partes do mundo ex-soldados das le-



havam posto em pratica, cada um delles leva aos deslumbrados Jeff e Gabby a gorda quantia de vinte e cinco mil dollares, isto mais do que o necessario para produzir uma extraordinaria revista. Com o dinheiro, o barco é quasi todo remodelado e transformado em um teatro fluctuante; cuidadosamente ensaiada, a revista vem a constituir um extraordinario successo social.

nas do navio, emperradas durante annos, funcionavam agora; e o *General Fremont, fazia-se ao mar*, com grande panico de todos que estavam a seu bordo e dos que ficaram no caes, assistindo ás demonstrações da pericia de Jeff. Depois de muito navegar, extingue-se finalmente o combustivel de bordo e o velho barco detem a sua marcha, ao

tempo em que, em seu soccorro, já accorriam diversas embarcações.

Tudo não passára, finalmente, de um grande susto. No palco, porem, o capitão fizera o casamento de Tommy com Sally, como se fosse parte da revista, mas, na realidade, casára-se legalmente, de combinação com Gabby. Explicado o incidente, o barão e Joyce conformam-se

giões estrangeiras, desterrados, membros de velhas monarchias destituídas, victimas de revoluções e mutilados da guerra, cansados já de longas odysseas e estranhas aventuras. Hollywood dá acolhida a toda essa gente de variado nivel intellectual e de accentuadas differenças de temperamento. E o que é interessante é que quasi todos se vão aqui ficando, muitos se convertendo nos "homens do perigo" para filmes de scenas arriscadas. Outros prestam seus serviços na qualidade de technicos e orientadores em fitas de guerra, aventuras maritimas ou de aviação, não faltando ainda entre os que julgam possuir certas habilidades artisticas os que se fazem directores, actores e argumentistas.

Ao ante-penultimo grupo pertence Fritz Lang, productor e director da Paramount que vem de realizar *You and Me*, com George Raft e Sylvia Sidney.

Fritz Lang foi official do exercito austriaco durante a guerra mundial em que recebeu tres ferimentos. Por actos de bravura

Chega, enfim, a grande noite da estreia. Toda a cidade comprime-se no caes, disputando um logar; e o *General Fremont* re-gorgita de espectadores. Gabby, satisfeito, principia a apresentar os seus numeros, que são extraordinariamente applaudidos. Aproxima-se do fim a revista de Gabby. E' a apothose, o grande final. Nervoso, Jeff, agora socio do grande empreendimento, distrahe-se na sala das machinas, e põe-se a manejar os instrumentos de controle, accionando uma alavanca enferrujada, cujo uso elle desconhece; com grande surpresa, verifica que as machi-

DÁ AOS DENTES O BRILHO DAS JOIAS BEM POLIDAS

Kolynos remove promptamente as manchas da dentadura, destróe os germes que causam a cárie e torna os dentes alvos e resplandecentes. Experimente Kolynos, o Creme Dental Antiseptico.



Embeleze seu sorriso com Kolynos

Lembre-se — 1 centimetro é bastante

512

CONTRA O SUOR DO CORPO
DAS AXILLAS E DOS PÉS O

PREPARADO
EMMA
PRODUTO HYGIENICO
E INOFFENSIVO

É o melhor e o mais eficaz até hoje conhecido.

EM TODAS AS
DROGARIAS
E PERFUMARIAS.

LABORATORIO DE PROD.
TO BROCARIA SANTOS
- RUA SÃO BENTO, 500 - S. PAULO

foi condecorado quatro vezes. Terminado o conflicto decidiu-se a percorrer o mundo transformando-se em *globe-trotter*, e em fim cansado de taes aventuras, resolveu entrar para o cinema como argumentista. Realizou, a seguir, uma fita que alcançou notavel popularidade no continente e com isso foi attrahido pela fascinação da industria cinematographica de Hollywood.

Outro caso não menos interessante é o do conde André Tolstoi, descendente do famoso e illustre pensador russo e que tomou parte na desastrosa retirada do exercito de Kolchak, atravez as steppes da Siberia, em 1919. Tolstoi conseguiu atravessar a fronteira, passando á China onde serviu como soldado mercenario do caudilho amarello Chang Tze Lin. Presentemente nesta cidade, é um pacato orientador tecnico em filmes de character militar que se refiram á Russia ou á China. Como este, tantos outros. William Wellman (acaba de dirigir *Mon With Wings*, da Paramount) e LeRoy Prinz, director de bailados desses studios foram ambos azes na celebre Esquadilha Lafayette, que se tornou famosa na guerra europea. Outro orientador tecnico é o capitão C. F. Cook, official do submarino "Endem" que realisou tantos torpedeamentos na guerra de 1914.

Sabe-se ainda que Victor Mc Laglen tambem occupou um

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu figado deve derramar, diariamente, no estomago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gazes incham o estomago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martyrio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada ha como as famosas Pillulas CARTERS para o Figado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam damno; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Figado. Não accete imitações. Preço 3\$000.

EDITH FELLOWS,
(Columbia)



cargo militar em Bagdad durante a campanha inglesa contra a Mesopotamia e a Terra-Santa. Henry Wilcoxon foi caçador de perolas nas Indias Occidentaes. George Brent foi, por sua vez, agente do Exercito Republicano Irlandez, em Dublin, em 1916. Ray Milland pertenceu ao grupo montado da British Household Cavalry. Houve um tempo em que Ivan Lebedeff serviu ao Corpo de Guardas do Kremlin, tendo ainda sido sargento da Guarda Imperial Russa; havendo rebentado a revolução, fugiu da Russia, para converter-se mais tarde num activo agente da bolsa de Constantinopla. E, finalmente, o actual director musical dos studios da Paramount, Mr. Boris Morros, foi director da Orchestra Symphonica Imperial Russa.

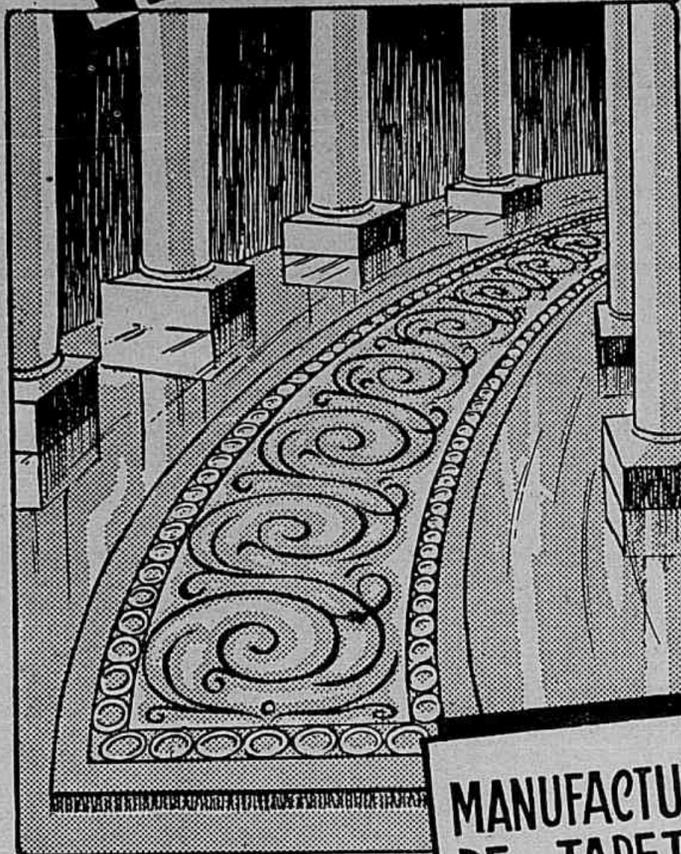
Este, sem duvida, é um cartaz mais ou menos brilhante que o nosso parque industrial cinematographico offerece ao mundo. Ha um outro que não se formou e cujos componentes se perdem no tumulto da vida estranha de Hollywood...

Por ter sido obrigado a fumar durante a filmagem de *Crime Gives Orders* Johnny Downs teve que se recolher a seguir em um hospital.

Johnny nunca havia fumado e para a filmagem em apreço era necessario que elle contrascesse com a encantadora Mary Carlisle, baforando um cachimbo durante nove horas seguidas.

Uma vez submettido ao tratamento adequado e passado o enjôo... Johnny regressou ao

TAPETES



Feitos
A MÃO
EM TODOS
OS ESTYLOS

ARTISTICOS
ORIGINAES
RESISTENTES

SÃO PAULO
R. Antonia de Queiroz 183
Fone 4-1522 - Caixa 3518
RIO DE JANEIRO
Informações pelo
Telephone 22-9054



studio fumando um bello cachimbo, presente do director Louis King para corrigir os effeitos do tabaco...

E' verdade que Johnny Downs e Eleanore Whitney não annunciaram ainda o rompimento do

seu noivado; mas o compromisso que os ligava já nos parece rôto, embora elles procurem conservar um habito sentimental dos bons tempos do romance...

Consiste esse habito em assistirem juntos a todas as estréas que se realizam constantemente aqui, não mais se encontrando fóra. Espera-se, em virtude disso, que os dois não quebrarão esse costume e que comparecerão á estréa de *Crime Gives Orders* em que aquelle é o galã.

As más linguas affirmam que não, pois Eleanore não gostaria de presenciar Johnny Downs ao lado de Mary Carlisle...

Personalidades... Shirley Temple

(Continuação da pagina 14)

tem que soffrer alterações e caminhar para um amanhã melhor...

ou peor, porem com toda certeza diferente?

Vendo de perto, a pequena dansarina, rainha inimitavel de um mundo de pygmeus maravilhosos, penso sem querer no amanhã de Shirley, e quasi, quasi fico tentado a formular um julgamento negativo, por que o amanhã de todo menino-prodigio — com rarissimas excepções — está repleto de problemas insolúveis e de decepções!... (Recordem o exemplo, recentissimo de Jackie Coogan!) E mesmo que assim não fosse, mesmo que Shirley, como Mozart, favorito infantil de Orpheu, logre dar-nos um amanhã eclipsante, ainda surge o desejo tolo de que a menina que applaudimos tanto, hoje, continue sendo uma menina. Seria melhor recorrer aos chimicos sapientissimos e descobrir a formula que perpetua a infancia. Tal obsequio seria tanto mais util do que as centenas de carissimas bonecas, que ella Shirley, recebe diariamente. Isso porque, conservando — assim como é, sabemos, quando menos, que conservariamos o segredo de sorrir constantemente para a Vida, em um mundo afogado em ameaças e impulsionado por sombrios designios.

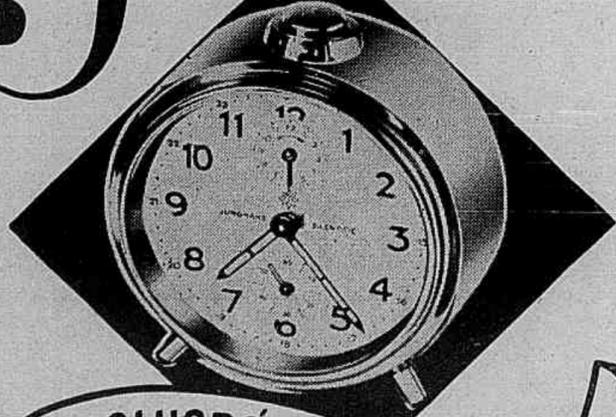
Porque, indiscutivelmente, se o ouro de Morganthu devolveu o optimismo á nação mais rica do mundo, o rostinho immortal de Shirley Temple a curou d'esse terrivel mal, que começava a se apoderar de todos os seus habitantes: o desejo de suspirar.

RONDON

"Give and Take" está sendo filmado nos studio da Metro

"Give and Take" está sendo filmado nos studios da Metro-Goldwyn-Mayer com Robert Taylor no papel de protagonista. Richard Thorpe tem a seu cargo a direcção e o elenco incluye Maureen O'Sullivan, que appareceu ao lado de Taylor em "A Yankee at Oxford", Franck Morgan, Lionel Stander, Edward Arnold, Guy Kibbee e Nat Pendleton. "Give and Take" é uma historia original para a tela de George Bruce, autor de "Navy Blue and Gold".

O RELOGIO Funghans



TRABALHARÁ A SEU CONTENTO

NAS BOAS CASAS DO RAMO

Edonee



GRATUITAMENTE

Lhe enviarei meu livrinho "O MENSAGEIRO DA DICHA". - Na sua leitura encontrará o meio SEGURO E EFFICAZ para conseguir a REALIZAÇÃO de todas as suas ASPIRAÇÕES, materiaes e espirituaes. Explico claramente a forma de triumphar em: AMOR, LOTERIAS, JOGOS, FORTUNA, EMPRESAS, NEGÓCIOS, EMPREGOS, e todo quanto se relacione com a FELICIDADE HUMANA em todas as suas mais SUBLIMES manifestações. - Remetta \$ 500 em sellos postaes a: Miss NILA MARA. - Rincón 1211 - BUENOS AIRES - (Rep Argentina)

Quem

SÃO ELLES ?



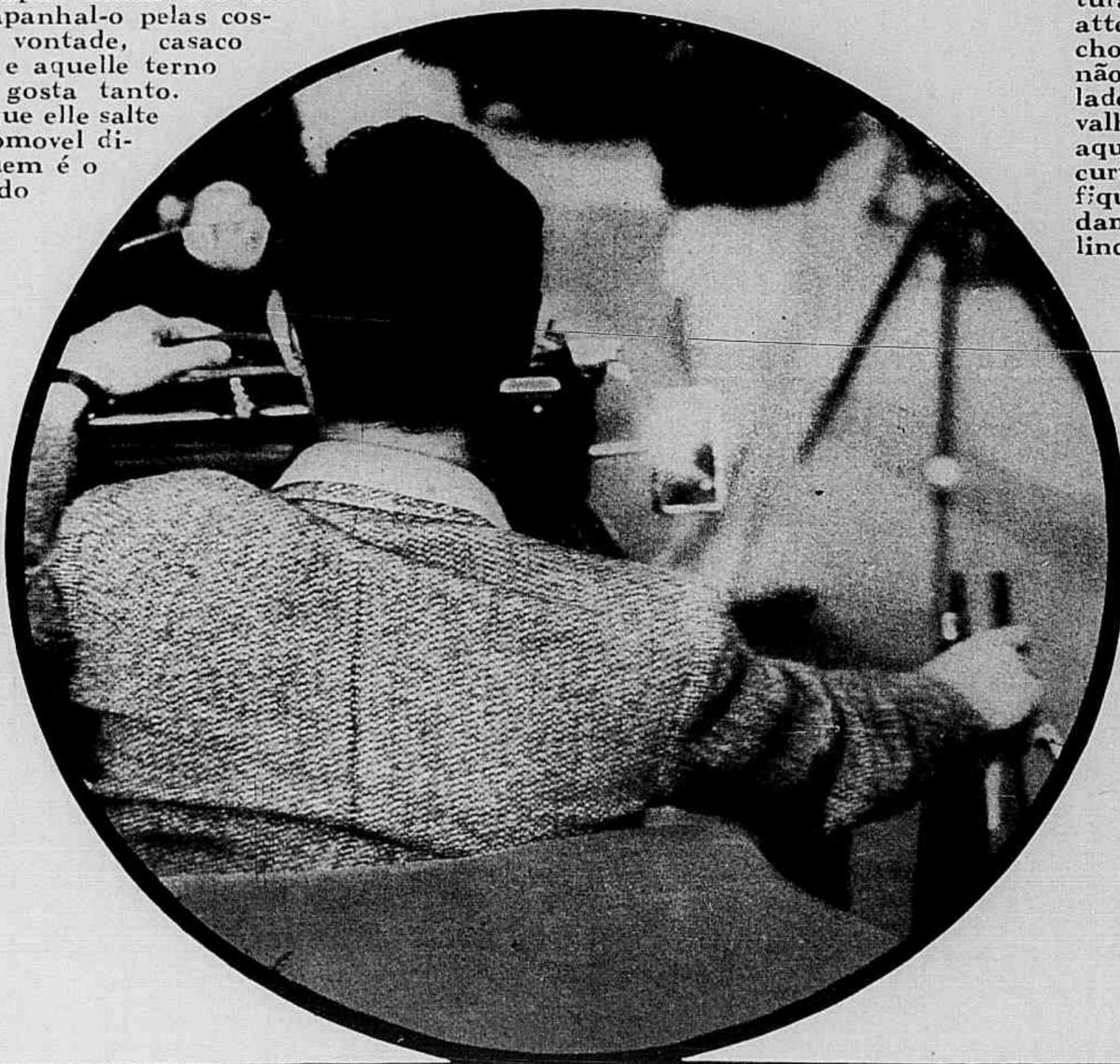
1 — QUEM E' ESTE cavalheiro de roupa listada, tão carinhosamente chegado áquella senhorita? Tem innumerables fans, captivadas pelo seu impertubavel sorriso. Elle é o...

2 — QUEM E' A DONA da bella cabelleira ondeada, que parece estar tão agradavelmente amparada pelo cavalheiro de roupa listada. Se ella voltasse o rosto, diriam logo: aquella só pode ser a...

AHI TEEM OS NOSSOS LEITORES O TERCEIRO CONCURSO UMA SEMANA. PACIENCIA E CALMA, PORTANTO, RECOMMENDAMOS, AO PROCURAR CONHECER OS FAVORITOS, DE UMA MANEIRA ORIGINAL: PELAS COSTAS...

VEJAM AS CONDIÇÕES NA PAGINA 3.

4 — ELLE PAROU o bello automovel e ia saltar, porem o photographo ainda teve tempo de apanhal-o pelas costas, á vontade, casaco aberto, e aquelle terno de que gosta tanto. Antes que elle salte do automovel digam quem é o disputado galã...



3 — ENTRETANTO, esta bella e esculptural creatura que lê com attenção um trecho de musica, não tem ao seu lado nenhum cavalheiro. Talvez aquelles calções curtos a identifiquem. Respondam quem é a linda morena...

Sello para a Resposta

1.

2.

3.

4.

SPORT ILLUSTRADO

A revista de todos os sports

EU SEI TUDO

O melhor magazine sul-americano

POR QUE SE DEVE ANNUNCIAR EM REVISTAS ILLUSTRADAS

1.º

A vida de um anuncio numa revista é maior do que em outra publicação qualquer.

2.º

O annuncio illustrado offerece uma impressão viva, permanente, incontrastavel que prende a attenção do leitor mais superficial.

3.º

A revista illustrada se é annual, mensal, quinzenal ou semanal, tem vida por um anno, um mez, quinze ou oito dias, respectivamente.

4.º

Cada exemplar de uma revista passa, pelo menos, nas mãos de cinco pessoas.

5.º

Ninguem vê um numero de revista, apenas, uma vez, mas lê e relê duas, tres e mais vezes.

6.º

A revista constitue a leitura preferida em viagens, nos dias de repouso, invariavelmente nos logares de trabalho onde a pessoa é obrigada a esperar e, por isso mesmo, levada a procurar distração, como acontece nos gabinetes medicos, nas ante-salas dos dentistas, nas barberias, etc.

ALMANACH EU SEI TUDO

O GRANDE ANNUARIO DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA S.A.

Brasil

A mais perfeita revista cinematographica

A SCENA MUDA

REVISTA DA SEMANA
O semanario da familia brasileira